

INSTITUTO INTERDIOCESANO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
TEOLOGIA

COSME DA ROCHA

A VIVÊNCIA DA FÉ NO HOJE DA HISTÓRIA

VITÓRIA
2023

COSME DA ROCHA

A VIVÊNCIA DA FÉ NO HOJE DA HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Interdiocesano de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Rogério Guimarães de Almeida Cunha

VITÓRIA
2023

COSME DA ROCHA

A VIVÊNCIA DA FÉ NO HOJE DA HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Interdiocesano de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

·
Aprovado em _____ de _____ de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Pe. Rogério Guimarães de Almeida
Cunha (orientador)

Membro da banca

Gratidão a Deus pelo dom da vida. Agradeço aos meus familiares pelas orações, à Diocese de São Mateus por muito me ajudar neste processo vocacional, aos professores que até hoje colaboram com meu aprendizado, de forma especial ao Pe. Rogério que me ajudou na elaboração desse trabalho e por todos aqueles que rezam pelas vocações.

“Ensina-me a fazer a tua vontade” (Sl 143,10).

A fé mostra-nos o Deus que entregou o seu Filho por nós e, assim, gera em nós a certeza vitoriosa de que isto é mesmo verdade: Deus é amor!

Papa Bento XVI, *Deus Caritas est*, n. 39.

RESUMO

O presente trabalho descreve a vivência da fé no tempo hodierno com suas manifestações e sensações vividas pelas pessoas. Falar da fé num retrospecto histórico é permitir analisar suas dimensões e possibilidades para a humanidade, desde emblemáticas personagens bíblicas como Abraão e Paulo e passando por toda a história da fé com Santo Agostinho, São Boaventura, para chegar à ideia de crença que os papas São João Paulo II, Bento XVI e Francisco apresentaram para os fiéis católicos. Todavia, o mal, o sofrimento, a secularização insistem em desafiar os cristãos e isso traz obstáculos no seguimento a Cristo. Portanto, faz-se urgente uma revisão no anúncio de Jesus. Levar a todos a fazerem um encontro radical com o Mestre que deseja o feliz seguimento a sua mensagem de salvação. Para isso, olhar novamente para a Sagrada Escritura é essencial, pois nela contêm o tesouro capaz de despertar em todos a sua admiração. Também é missão do magistério pós-conciliar e dos teólogos atuais contribuir na promoção da Boa Nova capaz de encantar novamente os cristãos que perderam a fé.

Palavras-chave: Crise. Discipulado. Fé. Testemunho.

ABSTRACT

The present work describes the experience of faith in modern times with its manifestations and sensations experienced by people. To speak of faith in a historical retrospect is to allow us to analyze its dimensions and possibilities for humanity, from emblematic biblical characters such as Abraham and Paul and through the entire history of faith with St. Augustine, St. Bonaventure, to arrive at the idea of belief that Popes St. John Paul II, Benedict XVI and Francis presented to the Catholic faithful. However, evil, suffering and secularization insist on challenging Christians and this brings obstacles in the way of following Christ. Therefore, there is an urgent need for a revision of the proclamation of Jesus. To lead everyone to make a radical encounter with the Master who desires the happy following of his message of salvation. For this, it is essential to look anew to Sacred Scripture, for it contains the treasure capable of arousing everyone's admiration. It is also the mission of the post-conciliar magisterium and of today's theologians to contribute to the promotion of the Good News, capable of re-enchanting Christians who have lost their faith.

Keywords: Crisis. Discipleship. Faith. Testimony.

LISTA DE SIGLAS

CIgC – Catecismo da Igreja Católica.

EG – *Evangelii Gaudium*, Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium*, do Santo Padre Francisco, sobre a evangelização no mundo atual.

FT – *Fratelli Tutti*, Carta encíclica *Fratelli Tutti*, do Santo Padre Francisco, sobre a Fraternidade e Amizade Social.

GS – *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual.

LG – *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A FÉ NAS SUAS ORIGENS	11
2.1 A FÉ NAS SAGRADAS ESCRITURAS.....	11
2.1.1 Abraão.....	12
2.1.2 Paulo.....	16
2.2 A FÉ NA TRADIÇÃO DA IGREJA.....	19
2.2.1 Santo Agostinho.....	20
2.2.2 São Boaventura.....	21
2.3 A FÉ NO MAGISTÉRIO DA IGREJA.....	22
2.3.1 São João Paulo II.....	23
2.3.2 Bento XVI.....	25
2.3.3 Francisco.....	26
3 A FÉ NO HOJE DA HISTÓRIA	31
3.1 O MAL E O SOFRIMENTO.....	32
3.2 A SECULARIZAÇÃO.....	35
3.3 A PLURALIDADE DE CRENÇAS.....	37
3.4 UM POSSÍVEL FUTURO PARA A FÉ.....	39
4 O DESTINO DA FÉ	45
4.1 SAGRADA ESCRITURA.....	46
4.2 NO MAGISTÉRIO PÓS-CONCILIAR.....	50
4.3 NA TEOLOGIA ATUAL.....	56
5 CONCLUSÃO	60
6 REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

O ser humano frente ao desconhecido se pergunta o que fazer mediante aos seus diversos absurdos vividos: guerras, fomes, desastres. Dar uma resposta para tudo isso nem sempre é fácil e assim a humanidade sofre desde sempre com esta ausência de significação. Entretanto, a fé cristã tem sua adesão pessoal a Deus, ao Senhor que fez as coisas por vontade própria e por amor a essas criaturas.

Quando acontece essa plena adesão dos filhos com seu Criador, o ser humano responde livremente ao acreditar, sem pressões ou interesses mesquinhos, pois percebe que encontrou em seu caminhar a verdadeira alegria comunicada por Jesus. Permanecer unido a Cristo se dá por essa adesão que vem de sua Palavra, que é viva e transforma todas as estruturas. Pela pregação, o Senhor convida aos seus discípulos a espalharem a essa mensagem de amor que constrói novas relações aquilo destruído pela incredulidade e indiferença.

A fé é o início da vida eterna. É esse participar desde já daquilo preparado por Deus para todos os seus filhos. No livre-arbítrio dos filhos de Deus, muitos escolheram outros caminhos e não o desejado por Cristo. Surgiram os males, as dores, os problemas, pois aqueles que se distanciaram do divino se perderam em suas humanidades vazias e sem um ordenamento. Veio a tristeza do isolamento, do nada acreditar e de uma referencialidade que impediram o ser humano de acessar a Deus, ao próximo e a si mesmo. Fechado em si, o ser humano se perdeu de tudo e não foi capaz de se abrir a graça.

A fé não é mérito humano, mas um dom concedido por Deus para aqueles que se abriram a possibilidade da ação divina em suas vidas. Desde o começo da história, pessoas diversas foram chamadas por Deus e mediante a um convite deixaram tudo para seguir a Deus. No transcorrer da vida, essas mesmas pessoas vacilaram e caíram num vazio sem precedentes e outros que deveriam encantar os que se perderam na fé, não foram felizes com seus testemunhos. Uma nova forma de viver a fé é condição necessária para um retorno às fontes evangélicas. A vivência positiva da fé se dará de forma efetiva quando todos reconhecerem que sempre há algo para melhorar no discipulado junto ao Mestre.

No primeiro capítulo se tem um resgate histórico da fé em suas perspectivas ao longo da história salvífica oferecida por Deus. Em Abraão e Paulo, encontram-se experiências com o divino em que suas vidas são transformadas completamente. Um se tornará o pai da fé das principais religiões monoteístas do mundo e o outro, o apóstolo dos gentios, aquele que levou o Evangelho para fora de Jerusalém. Ainda nesse capítulo, verificará a fé no contexto de sua manifestação pelo mundo em tempos que ela precisava se defendida frente aos desafios da evangelização e mediante a ação dos Padres da Igreja (Santo Agostinho e São Boaventura), a fé é guardada e transmitida para todo o mundo.

Por fim, esse capítulo apresenta no magistério da Igreja a certeza de que a fé é sempre atual e permeia as realidades em que os papas São João Paulo II e Bento XVI colaboraram na missão de cuidar da Igreja e atualmente Francisco, com o desejo de espalhar a alegria do Evangelho, de manifestar a fé com entusiasmo a todas as nações.

No segundo capítulo será refletido o contexto atual da fé com suas complexidades vividas por todos. É real que o sofrimento e o mal permeiam as mais variadas realidades e assustam a todas as pessoas, inclusive aqueles que dizem ter fé. Um mundo secularizado infelizmente carrega consigo um difícil terreno para a manifestação e encantamento da fé no hoje da história. Com a pluralidade de crenças e pensamentos sobre Deus, as pessoas buscarão aquilo que irão satisfazer suas necessidades pessoais e será isso o mais conveniente. Enfim, um questionamento a surgir, será ao futuro da fé mediante a todas as realidades do mundo contemporâneo.

O terceiro capítulo finalmente manifestará possíveis luzes acerca da vivência da fé nesses tempos de aridez espiritual. Assim como Francisco retoma muitas coisas do passado cristão em seu magistério, a proposta aqui é identificar experiências de fé da Sagrada Escritura ainda inspiradoras e capazes de transformar o coração humano. Também nesse capítulo, a virtude da fé é vista sob o olhar do magistério pós-conciliar, com o desejo de uma profunda revisão de métodos na evangelização dos povos. A vocação da Igreja é evangelizar e realizar um encontro com o divino. Assim, o humano será sensível as suas realidades e estará aberto a graça que vem do Pai. A missão da Igreja é levar o ser humano a encontrar com aquele que é o puro amor.

2 A FÉ NAS SUAS ORIGENS

O ser humano, desde muito tempo, busca sentido em suas experiências e atividades. Preencher cada momento com aquilo que é significativo faz do sujeito alguém sempre capaz de conquistar novos caminhos. A humanidade já vivenciou muitos tempos tranquilos e de paz, bem como momentos difíceis com guerras e catástrofes. Em todas essas situações, o ser humano buscou ressignificação de sua existência. Falar da virtude da fé é tocar nessas realidades que dão ao ser humano o desejo sempre atual pelo novo, por aquilo que dá razão aos seus sonhos e desejos.

Este capítulo oferece uma análise da temática da fé nas Sagradas Escrituras, partindo das inquietantes figuras de Abraão e Paulo, e suas experiências tão profundas com Deus. Dois nomes que elucidam tamanha confiança em uma divindade que tira essas pessoas de seu conformismo e os lança para o desconhecido, para o novo. A história é feita de muitos momentos que questionam e geram em cada indivíduo crises que precisam ser respondidas. Ao longo de todo esse cenário histórico, a Tradição da Igreja ajudará a pensar nessas dúvidas que a fé apresentou e ainda possui em seus crentes. Para Santo Agostinho e São Boaventura, em seu tempo, também não foi diferente e eles ajudarão a dar respostas para os desafios vividos em seus tempos.

O Magistério recente manifesta uma preocupação acerca daquilo que possa sustentar a fé de todos os cristãos. Nos pontificados de São João Paulo II, Bento XVI e Francisco, as perspectivas de fé para a humanidade se deparam constantemente com os muitos desafios que o mundo começou a viver de forma muito rápida. Com todas as revoluções acontecendo, tecnológica, industrial, virtual e outras, a fé precisa mais uma vez ser proclamada numa linguagem que denote sempre um horizonte que chama para um novo na história.

2.1 A FÉ NAS SAGRADAS ESCRITURAS

A fé nas Sagradas Escrituras é algo que perpassa gerações e povos. Para Eisner (1993, p. 304), a fé na história de Israel é repleta de experiências do cuidado divino para com o povo eleito. Esse cuidado divino se torna presente nas alianças, ainda que este mesmo povo rompa a aliança pela transgressão à Lei, provocando a ira do julgamento de Deus. As alianças indicam, assim, uma história relacional. Deus se

relaciona com o ser humano profundamente. Para o povo dessa aliança, a fé será então a vinculação entre Deus e o ser humano. Ao se falar em Abraão nesta primeira parte, percebe-se nele elementos fundantes da fé veterotestamentária: o chamado e o desafio que geram a prontidão do pai dos crentes e a sua obediência.

Já a figura de Paulo tange uma atitude fundamental do ser humano para com o divino. Para Eischer (1993, p.305), “o conceito de fé entra com peso e dinamismo no centro de seu pensamento teológico”. De fato, em Paulo, a ideia de redenção acontece por meio da graça divina operada na pessoa humana. Para Paulo, Cristo abre a salvação, mas já na fé de Abraão têm-se um caminho prefigurado da fé para toda a humanidade. Na teologia paulina, é fundamental ouvir a Palavra (Cf. Rm 10,14s), condição esta permitida pela dinâmica ação do Espírito Santo. Para além da escuta da Palavra, “permaneçam firmes na fé” (1Cor 16,13)¹ é a recomendação do apóstolo e isso acontece porque o ser humano se torna obediente à vontade divina, redimindo-se a cada instante, em busca da vida eterna.

2.1.1 Abraão

A fé numa linguagem bíblica denota uma aceitação da palavra do Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Ora, existiu uma aliança, um pacto foi firmado. A tradição bíblica patriarcal comenta que até chegar a este ponto, há um longo caminho a ser percorrido. Segundo Läßle (1978, p. 105) “perpassa por toda a história dos patriarcas o reconhecimento grato pela vocação de Abraão, bem como pela pertença ao seu clã eleito.”

O chamado “Deus dos Pais”, tem um cunho importante na literatura do Antigo Testamento, pois indica um crescimento relacional para com uma divindade específica. Assim, a religião se ordena a uma fé, mediante as circunstâncias diversas da vida deste povo eleito.

É preciso salientar que em cada tribo se tinha o culto para um deus próprio. De acordo com Fohrer (1982, p.38) “há uma multiplicidade de religiões de clã, de modo que a tradição está correta em sustentar que os pais cultivavam outros deuses”. Existia uma memória do chefe do clã e da divindade adorada para sempre. Tal memória precisa

¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1.ed. São Paulo: Paulus, 2002, p.2016.

ser assim valorizada e cuidada para todo o sempre, perpetuando tudo aquilo que é mais sagrado.

O *E^l*, ou, o Deus dos pais, deveria ser o único Deus a proteger a família. Esta certeza peregrina pelo mundo e após a morte de Abraão, o *E^l* continuaria como uma herança para seus descendentes. De povos que migravam e levavam seus deuses juntos, aconteceu um processo de fixação em lugares específicos. O problema é que naquele novo lugar já havia outros deuses “fixos”, e agora era preciso definir quem era realmente o Deus verdadeiro (Cf. LÄPPLE, 1978). De fato, era preciso validar essa relação como algo precioso e necessário para afirmação desse povo descendente de Abraão.

Há no relato de Deus com Abraão³ algo surpreendente. Segundo Läpple (1978, p.114) “Abraão é, por assim dizer, um caso-teste de uma potencial história da salvação.” Em Abraão, tem-se a primícia de uma nova história para toda a humanidade. Deus fala e ele responde. Aconteceu a adesão de Abraão a este Deus. Por meio de um relacionamento pessoal, tem-se o culto, e posteriormente, Abraão realiza seu lamento por não ter filhos. Neste ínterim, o divino prometeu terra e descendência. Logo, o Deus do clã será aquele que protegerá o clã em suas viagens (Cf. FOHRER, 1982, p.38-39). Todavia, para se chegar a este estágio cültico, muitas coisas aconteceram.

Estudos descreveram a religião cananeia numa terra desconhecida, mas com as descobertas de inscrições fenícias tardias, textos de execração e outros, foi-se delineando um possível cenário semita na qual elementos comuns foram sendo descobertos. Existe todo um contexto social que precisa ser entendido. Uma sociedade formada a partir de costumes e regras que firmaram as bases desta “primeira fé”, ou “fé originante”, para poder chegar até a Abraão. Fohrer (1982, p.45-46) destaca o seguinte:

As escavações da cidade fenícia de Ugarit que tem sido escavada desde 1929, tornaram-se importantes especialmente para o nosso conhecimento e compreensão da religião cananeia. [...] Além de documentos de vida secular, três tipos de descobertas podem ser citados: a) monumentos arqueológicos, tais como vestígios de templos, altares, instrumentos cülticos, representações de divindades de pedra, metal e marfim, locais de sepultamento com oferendas funerárias, e provisões para certos rituais; b) documentos da vida cültica diária, tais como listas de deuses e sacrifícios,

² O termo *E^l* é dado a Deus ou como nome do deus elevado *E^l* (Cf. Fohrer, 1982, p.36).

³ A primeira menção de Abraão – sob o nome de Abrão – aparece no versículo 26 do capítulo 11 do Gênesis, no fim de uma genealogia que vai de Sem a Taré; [...] Com o capítulo 12, a história parece recomeçar, falando da intervenção de Deus que ordena a Abrão que parta (Cf. COLLIN, 1988, p.9).

normas rituais e orações; c) os primeiros vestígios da literatura religiosa cananeia, em forma de epopeias poéticas, cujo assunto pode ser mito, saga e lenda.

Os textos encontrados em Ugarit permitem mensurar ideias sobre a religião dos israelitas ao entrarem na Palestina. A fé cananeia se esbarra com outras crenças do Oriente Médio, porém, conserva em seu interior um culto nacional, com indicativas de graça divina, preservação e restauração contínua e conteúdo ligado à vida e a fertilidade (Cf. FOHRER, 1982, p.47-48). Ao descrever o culto cananeu, *El* é a divindade mais importante. É o pai de todos, criador de tudo o que existe. As celebrações eram bem desenvolvidas, com rituais, banquetes e oferendas das mais diversas possíveis.

É importante destacar que um elemento interessante nessa prática religiosa é o agir do ser humano em relação ao cuidado para com a natureza, vendo-a como necessária a toda a lógica do mundo. Ao se fixar na terra, nesse lugar em que poderia existir o bom desenvolvimento do ser humano, o povo que antes peregrinava encontra agora motivos para permanecer e percebe que *El* está com eles nessa jornada da vida.

Na concepção de Dattler (1984, p.94), Abraão é visto como uma personalidade positiva, ou seja, alguém capaz de servir de exemplo para toda a humanidade, dada as suas disposições para enfrentar as mais temíveis realidades da vida. Abraão é esta figura de fé, na qual seus posteriores, Isaac e Jacó terão um papel importante na história dos Patriarcas. Abraão sai de sua terra natal e emigra para Canaã.

Para Collin (1988, p.37), “Abraão tornou-se claramente o primeiro dos patriarcas, o antepassado da promessa” e, portanto, sua memória será perpetuada em incontáveis gerações. Ele é o homem da intimidade com Deus. Coloca-se sempre atento à vontade e é obediente aos dizeres divinos. Neste homem, é possível afirmar que Deus se manifesta, garante o diálogo, a fecundidade, a graça da terra (Cf. COLLIN, 1988, p.37).

Abrão⁴ aderiu a uma aliança com o Senhor, mediante a fé que este homem tivera neste Deus que o prometera coisas maravilhosas. O relato de Gênesis, capítulo 15, revela dois temas importantes: a descendência patriarcal e a posse da terra. Ao

⁴ “O nome de Abrão (ou Abirão) até aqui não é encontrado nos documentos do início do II milênio. Talvez numa tabuinha de Taannac (em Israel mesmo). A forma longa (Abraão) é simplesmente uma variante dialetal. Este nome talvez seja representado em transcrição egípcia nos textos de execração (1900-1750 a.C.)” (Cf. DE VAUX. Histoire ancienne d’Israel. Paris, 1971, p.191-192).

primeiro, sugere-se a lógica do “sair”, numa linhagem, e o segundo, “dar”, possuir” a estes herdeiros. Abraão precisou sair de seu mundo, sair de si mesmo, de sua cultura fechada para se encontrar com Deus. Confiou na promessa divina e a partir de então em seu peregrinar, verá este constante movimento do sair de “si mesmo”, indicando assim uma contínua conversão ao projeto de Deus (Cf, BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011, p.34).

De fato, sua vida é transformada, torna-se um homem completamente novo: tem uma nova terra, adquire uma nova consciência na fé. De acordo com Dattler (1984, p.96) “a fé na providência especial de Deus transformou-se no fato do direito adquirido [...] até hoje, do Estado de Israel, [...]” que traz, obviamente um valor significativo para este povo para com sua terra, pois, para os mesmos, fora o próprio Deus que os concedera. Voltar o olhar para a pessoa de Abraão é perceber que ele acreditou na promessa de receber um filho e mesmo em sua avançada idade, Deus “poderá contar com ele para a concretização de seus planos. Abraão será objeto de uma providência toda especial” (Cf. DATTLER, 1984, p. 106).

Todavia, há algo bem intrigante neste contexto de fé. O escritor sagrado oferece uma prova em que Abraão terá que reagir em sua liberdade. A resposta dada por ele é de superação, e assim, precisa sacrificar seu único filho, tendo neste, a prova do amor divino, mesmo que tal sacrifício configure a triste realidade do não ter filhos para a posteridade. Numa concepção racional, foge à moral humana um deus que deseja o sangue humano como prova de fidelidade, principalmente se esse sacrifício exigido seja do próprio filho, concretização da descendência.

O velho homem tem que acreditar numa lógica diferente de até então crida. Precisa “sacrificar” seus ideais para se abrir ao mistério divino (Cf. BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011, p. 46). O texto sagrado relata assim (Cf. Gn 22,11-12)⁵:

[...] Mas o anjo do lahweh o chamou do céu e disse: “Abraão! Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” O Anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único.”

Esta descrição acentua um ideal de compromisso radical, pois caberá ao ser humano abrir-se a graça de Deus e acreditar em suas palavras. Racionalmente essa atitude não cabe em padrões humanos, pois indica o fracasso do ser vivente, que

⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.60.

naturalmente teria toda uma existência pela frente. Um ser que coloca à prova a pessoa de Abraão, possibilitando por meio de um “teste” sua real confiança tem-se todo um contexto histórico presente. Vale lembrar, segundo Dattler (1984, p.130) que sacrifícios humanos eram bastante frequentes na lógica cananeia. É paradoxal pensar num deus que diz sobre uma aliança frutuosa, mas que ao mesmo tempo cessa com as possibilidades de tais frutos, se o primeiro destes será sacrificado.

Dado a tudo isso, ter fé é aceitar uma aliança e neste intuito, Abraão fez a vontade de Deus. Posteriormente, a Carta aos Hebreus fará menção a tais perspectivas dizendo que “pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento de Deus, e partiu, sem saber para onde ia” (Cf. Hb 11,8). Pela fé, o ser humano parte para o desconhecido, confiante apenas de que uma promessa se realizará. Pela fé, o ser humano espera chegar a algo inédito em sua vida.

A Carta aos Romanos atestará então que Abraão é o pai daqueles que neste Deus acreditam (Cf. Rm 4,20). Compreende-se assim, a partir do Catecismo da Igreja Católica (CIGC, 2000, n.150, p.49) que “a fé é uma adesão pessoal do ser humano a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus.” Acreditar em Deus se torna algo plenamente absoluto, em que se tem a certeza de que algo se realizará.

2.1.2 Paulo

Paulo é um grande nome do Novo Testamento. Nascido em Tarso da Cilícia, era fiel à lei de Moisés, irrepreensível (Cf. Fl 3,5-6). Foi um implacável perseguidor dos cristãos, por entender que a fé cristã era blasfema. Porém, num determinado momento de sua vida, a ele se manifesta Jesus Cristo, que segundo Paulo, desde o seio materno, chamou-o pela graça e o fez evangelizador dos gentios (Cf. Gl 1,15-17): o Cristo glorioso, o ressuscitado dentre os mortos. Para Heyer (2009, p.13) “Paulo era um homem que viveu num contexto complexo.” Morou na Diáspora, nasceu num berço helenístico, em Tarso, região da Ásia Menor. Ele era muito bem instruído: falava vários idiomas e escreveu suas cartas no grego koiné⁶.

⁶ Forma grega usada na redação dos textos canônicos.

Paulo tinha orgulho de ser judeu (Cf. At 21,39; 22,3; Fl 3,6; Rm 11,1). Tal condição o fazia importante, pois grande estima tinha por sua fé primária. Marca importante do judaísmo é o monoteísmo, sendo a divindade deste superior aos dos gregos. Paulo vivia na Diáspora e para os judeus ele não vivia plenamente a Torá. Daí a necessidade da afirmação paulina de sua origem judaica. É preciso salientar que Paulo foi circuncidado no oitavo dia e cresceu nesta fé. Era da descendência de Abraão e fazia parte da família de Benjamim: “[...] Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamin” (Rm 11,1b)⁷. Foi aluno da escola de Gamaliel (At 22,3), de grande estima na cultura rabínica (Cf. HEYER, 2009).

Arbiol (2018), também relata que Paulo era um judeu praticante e compartilhava de práticas, regras, condutas comuns a qualquer fiel judeu. Todavia, quando Paulo compreendeu a cruz de Jesus Cristo, as coisas mudaram de rumo e sua adesão à lei tornou-se totalmente nova. A morte do Messias apresenta uma novidade teológica para o judaísmo paulino, pois incorpora ao mesmo uma lógica nova para o seu existir nesse mundo. Se a fé perpassa um caminho de encontro, de uma experiência realmente significativa, dentre tantas já descritas, a de Paulo traz consigo um interessante enredo e serve de exemplo para os novos crentes:

Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote. Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém, presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres. Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deve fazer”. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu (At 9,1-19).⁸

Na viagem para Damasco, acontece algo realmente extraordinário. “Ele que era temido em todas as partes como perseguidor fanático da comunidade cristã primitiva, rapidamente se converteu em um não menos apaixonado anunciador da fé cristã” (HEYER, 2009, p.35). Esse episódio é descrito como a “conversão de Paulo”, na qual o piedoso Saulo é tido agora como Paulo de Tarso, o seguidor do ressuscitado. Na carta aos Gálatas, Paulo descreve que (Cf Gl 1, 15ss) o Ressuscitado revela suas

⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1984.

⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1916-1917.

intenções para a sua vida. “A experiência do Cristo vivo acendeu nele a verdade que inconscientemente possuía” (MURPHY-O’CONNOR, 1994, p.25).

Paulo é um modelo de mudança radical na vida. Aquele que até então tinha uma realidade cômoda para os padrões judaicos, vê sua vida totalmente transformada. Vale lembrar de seu zelo para com aquilo em que ele acreditava. Heyer (2009) diz que este homem cumpria as suas missões com esforço para acabar com a igreja. Ele passava de casa em casa, levando todos os cristãos para a prisão (Cf. At 8,3). De fato, este “zelo” com o judaísmo era implacável. Sendo assim, partiu para Damasco, a fim de continuar com sua perseguição, pois afinal, era preciso impedir a propagação destes cristãos a qualquer custo.

O que Paulo pensava acerca da Torá como caminho oferecido por Deus para se viver a justiça, agora tem sua revelação na cruz. “Deus revelava-se na cruz de Jesus” (Cf. ARBIOL, 2018, p.72). Deus permanece justo, mas não arroga ao ser humano a ira para punir aqueles que não condizem com a moral até então estabelecida. Mesmo aqueles que matam a Jesus, faz deles também objeto do amor divino (Cf. Rm 5,8). Dessa forma, aquilo que deixava Paulo numa postura irrenunciável frente aquilo que ele acreditava, agora o faz ser levado a conduzir a cruz, como ícone para a sua vida. Eis a lógica da cruz como caminho de seguimento para Paulo a partir de agora.

Na Carta aos Gálatas, Paulo destaca duas coisas sobre a sua vida: a fé e a sabedoria com a Torá. Para Heyer (2009, p.41) “toda a sua trajetória de fé há de ser julgada a partir da perspectiva de que sempre tomou decisões com independência dos demais”, dando assim condições para se ver tamanha vontade e desejo nas escolhas requeridas. Também se destaca tamanha sabedoria em relação a Torá, mostrando assim que não estava aquém dos conhecimentos religiosos para um bom judeu.

Graças a sua genialidade escriturística, fiel à lei, pensar numa ideia de conversão é forçosa neste sentido. Os textos neotestamentários descrevem “conversão” como mudança em relação a um caminhar. É de fato afastar-se do pecado. Todavia, Paulo não se vê como um pecador. Seguiu a Torá e seus mandamentos, porém, tem uma vida transformada com o encontro do ressuscitado.

A fé paulina fora totalmente transformada pela ação do crer. Paulo se vê num estado em que já não é mais possível permanecer em tais condições e por isso, coloca-se em caminho, em missão. De um perseguidor feroz, agora percorrerá o caminho

sabendo dos inúmeros desafios que virão. Causará estupefação aos habitantes residentes em Damasco (Cf. At 9,21), pois falará daquele que mudou completamente sua vida. Para Heyer (2009, p.31) sua imagem “é por demais complexa. Ele irradia força, parece cheio de confiança em si mesmo, possui energia ilimitada e pode percorrer grandes distâncias.”

Sua missão será repleta de realidades emblemáticas que dado a sua fé no Cristo glorioso o fizeram permanecer fiel ao caminho. O escândalo da cruz é o centro de seu pensamento. Para Paulo, ela é humilhação (cf. Fl 2,8), maldição (cf. Gl 3,13), loucura e escândalo (cf. 1Cor 1,23; Gl 6,14). Entender a sua apostolicidade é difícil, pois ao contrário dos demais, este não convivera diretamente com Jesus e tão pouco foi chamado durante seu ministério público. A vocação de Paulo emerge do contexto de perseguição ao Cristo crucificado e ressuscitado.

Paulo assume uma missão desafiante: levar Jesus Cristo para os pagãos. A vocação profética presente nele ganha uma potência nunca vista. De acordo com Castro (2010, p.66) o evangelho de Cristo “levou o apóstolo a romper todas as estruturas do preconceito e da discriminação e a buscar a todo custo, criar e esforçar a comunhão.” Para Paulo, não deveriam existir diferenças entre povos, pois insiste num universalismo capaz de gerar comunhão. A fé paulina da unidade, mesmo que utópica, desperta em cada cristão o desejo de construir um mundo melhor, não preso a moralismos, mas aberto a graça divina da salvação.

2.2 A FÉ NA TRADIÇÃO DA IGREJA

A Tradição apresenta uma múltipla manifestação de fé nos seus mais variados contextos históricos. Num primeiro momento se abordará isso, com a ideia de Santo Agostinho em pensar na fé para algo que conduz a pessoa para além desta realidade, sem se perder em algo abstrato, distante do ser humano, mas real, vivido plenamente na história do sujeito.

A fé na ideia de Santo Agostinho é uma adesão que não paralisa, mas que é dinâmica, pelo qual o ser humano se deixa entregar à realidade da fé. Ao se usar da razão, ele declara que é preciso entender para crer e crer para poder entender. Eis um pensamento que acentua uma madura compreensão da fé, não vivendo algo ingênuo, sem uma firmeza de pensamento.

Na sequência, o pensamento de São Boaventura será visto, na qual ele ajudará a refletir a capacidade da razão de contemplar as realidades por meio da fé. A fé percorre um caminho para além do simples uso da razão, que é o amor, que atinge a um nível bem mais elevado de compreensão das verdades que brotam do campo da fé e atingem o ser humano como um todo.

2.2.1 Santo Agostinho

A teologia de Santo Agostinho leva a uma certa e segura visão da alma. Induz o ser humano a crer em algo para além desta realidade temporal e o conduz ao eterno. Ele discorre que a boa vontade, por exemplo, não pode ser vista pelos olhos físicos. Esta ainda, diz ele, não é uma cor, uma forma, um som que poderá ser ouvido, apreciado ou tocado, mas caberá apenas crer naquilo que não é visto. Santo Agostinho (2017, p.299) diz que “com o teu corpo distingues a face do amigo, com teu espírito distingues a fé.” É preciso que o amigo creia então que deseja o seu bem, e quando surgirem as adversidades, então perceberá tamanha bondade do amigo ou não.

Agostinho (2017, p.300) sugere que se não existisse a fé nas relações humanas, a vida seria um absurdo. “Quem seria amado com mútua caridade por alguém, quando o próprio amor é invisível e se não devo crer no que não vejo?” Nesta dinâmica seria complexo para o ser humano realizar suas ações, pois saberia de antemão a incapacidade do acreditar naquilo que deveria acontecer. Para ele, uma sociedade que não acredita em ideais capazes de manter um ordenamento social, tenderá ao seu fim.

O bispo de Hipona argumenta que, por meio de indícios, também é possível crer naquilo que não é visto. Tal realidade é permeada por exemplos nas Sagradas Escrituras que discorrem sobre os eventos culminantes em Jesus Cristo. A fé não é mero conteúdo abstrato. Trata-se de algo sempre novo, vivo e atual (Cf. AGOSTINHO, 2013, p.18). De acordo com Detoni (2010, p.101) a fé seria algo dado por Deus, pois este, mesmo com o erro do ser humano, permanece acreditando em sua criatura:

Deus amavelmente vem ao encontro do ser humano para salvá-lo e doa a fé para que ele possa aceitar a verdade salvadora. Agostinho salienta o aspecto gratuito da fé, que é dom, é graça, é fruto da bondade de Deus que não abandonou o gênero humano na perdição do pecado, mas que na sua misericórdia propõe a salvação.

Detoni (2010, p.101) elucida a dificuldade em conceituar fé no pensamento agostiniano, apesar do substantivo fé e o verbo crer pertencerem ao mesmo campo semântico. Para Agostinho, a virtude da fé é algo sobrenatural, um dom, capaz de aceitar a verdade revelada em Jesus, nas Sagradas Escrituras e também na Tradição.

Na vida deste santo há uma busca da verdade pela razão, alicerçada junto a fé. A luz é um rico simbolismo para ele, pois vê nesse elemento a teofania, o encontro de Deus com o ser humano que abre os seus saberes. Sendo assim, sua busca pela verdade é algo sempre presente, no qual ele não se contenta enquanto não encontra o objeto de sua felicidade que é o próprio Deus.

O ser humano, criatura divina, é dependente desta condição para com seu Criador e conseqüentemente, sujeita-se ao mesmo para que a felicidade buscada seja alcançada. Dada a suprema bondade divina, o ser humano é resultado deste amor e, portanto, cabe ao mesmo se voltar para seu Criador, pois este é o seu fim. Viver longe de Deus não é ser livre, mas um se corromper no egocentrismo que gera separação e distanciamento da bondade de Deus.

De acordo com o Papa Francisco (2013, p.34) “Santo Agostinho compreendeu a transcendência divina e descobriu que todas as coisas possuem em si uma transparência, isto é, que podiam refletir a bondade de Deus, o bem.” Voltar-se para Deus é permanecer então na liberdade oferecida por Ele, é entender que Ele é a luz, é o caminho, pois por meio de sua mensagem, todos os seres humanos podem chegar à vida eterna. Esta luz da fé é a própria luz encarnada, proveniente de Cristo. Francisco escreve (2013, p.36) que é preciso “maravilhar-se diante do mistério da criação”, pois graças a fé, a razão poderá ver o mundo também de uma forma melhor.

2.2.2 São Boaventura

Boaventura⁹ irá discorrer sobre a fé na Trindade e em sua defesa, garantindo assim a plena ortodoxia. Neste contexto histórico, a fé era bem desafiada por muitos hereges e de fato, precisava ser defendida. Por isso, Boaventura dizia que (2018, p.73):

⁹Boaventura nasceu em Bagnoregio, próximo a Viterbo, Itália, em 1217. Filho de um médico, conta ele que na sua infância, durante grave enfermidade, a mãe fez uma promessa a São Francisco, graças à qual ficou curado. No convento dos franciscanos, na terra natal, fez seus primeiros estudos (BOAVENTURA, Brevilóquio, 1.ed. São Paulo: Ecclesiae, 2018).

A razão desta verdade é a seguinte: a fé – sendo o princípio do culto a Deus e o fundamento daquela “doutrina que é conforme a piedade” (1Tm 6,3) – manda que de Deus se pense o mais sublime e o mais piamente possível. Não se pensaria, porém, o mais sublime possível, se não se crese que Deus se pode comunicar; nem se pensaria o mais piamente, se crese que pode, mas não quer comunicar-se. Por isso, para crer o mais sublime e o mais piamente possível, diz-se que Deus se comunica sumamente tendo desde toda a eternidade um amado e um co-amado, e por isso Deus é uno e trino.

Boaventura fora um grande filósofo, todavia, será na Teologia que fará um caminho de contemplação da fé com o uso da razão. Deus se relaciona com o seu povo não de qualquer jeito, mas como forma plena de comunicação. Para ele, a fé está no intelecto, e portanto, provocará afeto no ser humano. Em seu pensamento, fazer teologia apenas com a razão é um fechamento do ser humano em si mesmo. Logo, a lógica do amor perpassa uma resposta sempre aberta ao outro, a si mesmo e a também a Deus. Caso contrário, a razão fica estéril e conseqüentemente, há um esvaziamento da fé.

Bento XVI (2010) afirma que “para São Boaventura, o destino último do homem é [...] amar Deus, o encontrar-se e o unir-se do seu e do nosso amor.” Ou seja, a fé precisa provocar nas pessoas este encontrar e unir, não poderá paralisar o ser humano, deixando-o inerte mediante as realidades. Em seu pensamento, toda a vida é um itinerário a ser percorrido. Um caminhar para Deus, não feito somente com as próprias forças, mas contando com a graça divina que abre ao coração a capacidade em crer, não apenas usando da razão, mas utilizando-se da fé para alcançar tal meta.

2.3 A FÉ NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Depois de percorrer um caminho da fé na Sagrada Escritura e Tradição da Igreja, é preciso verificar aquilo que o Magistério da Igreja dispõe sobre tal tema. Salienda-se aqui a concepção do acreditar a partir do pastoreio de São João Paulo II, num período histórico marcado por muitas transformações. A humanidade tem alcançado patamares evolutivos inimagináveis e assim, é preciso refletir sobre até que ponto fé e razão podem dialogar com as realidades presentes.

Na concepção de Bento XVI, o acreditar precisa ser permeado pelo amor, condição esta que faz o ser humano agir livremente e de forma gratuita. Para além da razão, o ser humano precisa crer com o coração, entregando-se por completo a ação divina em sua vida. Por sua vez, Francisco acena que ter fé é acreditar num amor repleto de

misericórdia, na qual é capaz de acolher e perdoar. Esse mesmo fortalece a existência humana e indica os caminhos a serem trilhados pelo ser humano.

2.3.1 São João Paulo II

Fé e razão são como que duas asas pelas quais a vida humana percorre seu itinerário existencial. São João Paulo II inicia sua Carta Encíclica *Fides et Ratio*¹⁰ com esta reflexão, trazendo à tona tamanha importância destes dois aspectos da humanidade caminharem juntas. Ainda no número cinco de sua encíclica, ele fala de uma constatação dos tempos presentes da ofuscada busca pela verdade. Esta, ao invés de ser investigada, acabou sendo desnecessária. “Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu sublinhar as suas limitações e condicionamentos” (SÃO JOÃO PAULO II, 2010, p.11). Um mundo riquíssimo em pensamentos fecundos, acaba se tornando uma indefinição plural e a verdade acaba sem confiança alguma.

A plena verdade que abre o coração do ser humano a confiar em Deus definitivamente fora revelada em Cristo, com o mistério de sua encarnação (Cf. Jo 1,1-18). O divino se apresenta ao humano. A fé se revela concreta perante aquilo que parecia ser apenas mitos gregos. É na história humana que Deus vem agir. De acordo com São João Paulo II (2010, p.19):

A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo esconde-se no fragmento, Deus assume o rosto do homem. Desse modo, a verdade na revelação de Cristo deixou de estar circunscrita a um restrito âmbito territorial e cultural, abrindo-se a todo homem e mulher que a queira acolher como palavra definitivamente válida para dar sentido à existência.

A razão se confronta com este mistério introdutório na fé no Verbo de Deus. O rosto dele se revela na vida de Jesus. O Papa diz que “somente a fé permite entrar dentro do mistério, proporcionando uma compreensão coerente” ([sic], 2010, p.20). Desta forma, a fé acaba sendo uma resposta livre, uma adesão fundamental, a melhor expressão de sua liberdade, a obediência a Deus.

São João Paulo II (2010, p.23) aponta que “o conhecimento da fé não anula o mistério; torna-o apenas mais vidente e apresenta-o como um fato essencial na vida do homem

¹⁰ Isto é, “Fé e Razão.”

[...]”, fazendo com que cada sujeito acolha a fé livremente, mesmo que a mente não consiga abarcar tamanha realidade. Para ele, tal verdade suprema se realiza no respeito à possibilidade da liberdade da criatura se abrir à transcendência.

O ser humano traz consigo um desejo muito grande em conhecer. Decerto, é no coração humana que surgem os muitos pensamentos, mas caberá ao Senhor afirmar esses passos (Cf. Pr 16,9). A razão indicará a estrada, mas será a fé que servirá de impulso para percorrer o trajeto.

Para São João Paulo II não há problema em dialogar com a razão e fé: “uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço e própria realização” (2010, p.29). O ser humano quer tanto conhecer, que sua vontade toca o impossível. Não é menosprezar uma ou outra: fé e razão dão ao ser humano condições de descobrir o sentido profundo de tudo e do existir.

Assim, entende-se que o ser humano busca incansavelmente a verdade, e a fé possibilita de forma concreta este objetivo, não de forma ingênua, mas na certeza de que unido ao mistério de Cristo, este mesmo mistério dará ao ser humano o saber verdadeiro. Decerto, “a fé requer que seu objeto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé representa” (SÃO JOÃO PAULO II, 2010, p. 60).

Perante os desafios atuais, a teologia tem como tarefa “apresentar a compreensão da Revelação e o conteúdo da fé” (São João Paulo II, 2010, p.124), contemplando o mistério, na qual todos devem caminhar. É preciso “cair, rebaixar-se”, pois quando a razão se volta para si mesma, não há este olhar profundo, este deixar-se cativar pelo mistério. Neste sentido, a teologia cumpre com um papel importante na elaboração do *intellectus fidei*¹¹, ou seja, na formação e reflexão da verdade dada ao ser humano.

Não é apenas uma passiva ideia dada, mas de uma profunda intimidade frente ao desconhecido. O papa diz que (2010, p.129) “se o *intellectus fidei* quer integrar toda a riqueza da tradição teológica, tem de recorrer à filosofia do ser”. Tudo isso configurar-se-á num processo dinâmico, relacional, sempre aberto ao novo, até ao ponto de alcançar a perfeição.

¹¹ Isto é, “Compreensão da fé.”

2.3.2 Bento XVI

No início de sua carta encíclica *Deus Caritas est*¹², o papa Bento XVI, escreve a todo o povo de Deus que o centro da fé cristã é o amor, que surge de Deus e consequentemente chega a quem permanece ligado à sua vontade. É necessário que o cristão escolha o amor como opção fundamental em seu viver (2011, p.3): “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”.

Aqui, o caminho de fé de cada batizado perpassa realmente uma radicalidade. Não se trata de um momento a mais na vida, mas algo substancial, capaz de transformar com estruturas arcaicas. Bento XVI deseja um profundo encontro do ser humano com Jesus Cristo, que não é mais uma ideia, mas uma pessoa, o Verbo Divino encarnado.

Dada esta posição central do amor que faz o sujeito crer (BENTO, 2011, p.3-4), “o crente israelita, de fato, reza todos os dias com as palavras do livro do Deuteronômio, nas quais sabe que está contido o centro de sua existência. “Escuta Israel! O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força” (Cf. Dt 6,4-5). Posterior a isso, Jesus unirá num único mandamento: o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo.

Apesar de Deus não se mostrar, ele não é puramente invisível. Na lógica do acreditar, ele se fez visível por meio de seu Filho Jesus (Cf. Jo 14,9). Para Bento XVI (2011, p.31), existe uma dupla forma de manifestação divina:

Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos, até a última ceia, até o coração trespassado na cruz, até as aparições do Ressuscitado e as grandes obras pelas quais ele, através da ação dos apóstolos guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através da sua palavra, nos sacramentos, especialmente na eucaristia. Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos, assim, a reconhecê-la na nossa vida cotidiana também.

É perceptível que Deus não obriga nada a ninguém. Ele deixa seus filhos serem eles mesmos e aguarda pacientemente a experiência amorosa de cada um. Viver esta realidade não deve ser encarada como mero sentimentalismo, mas como algo radical, transformador, capaz de fazer uma profunda conversão no modo de ser. É um

¹² Isto é, “Deus é amor.”

caminho que nunca se encerra, pois para se crer neste amor, “o reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à dele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor (BENTO XVI, 2012, p.32).”

Nesta contínua tarefa do crer, é preciso então querer a mesma coisa que o outro. Só existe então uma profunda relação, porque Deus quer amar o ser humano, e cabe a este também responder da mesma maneira: caberá ao ser humano escolher por isso e buscar viver essa realidade relacional e não fechada em seu egocentrismo.

A fé nasce, então, de uma condição profunda que não é algo simplesmente intelectual, mas capaz de mover constantemente o ser humano, rumo ao seu desconhecido. Pela fé, o ser humano crê no amor divino, pois Deus é sempre amor (Cf. 1Jo 4,8). O amor de Deus ainda abunda sobre o pecado e confia que até o último instante haverá a esperada conversão. Quem acredita na graça, precisa se abandonar, deixar que Deus aja segundo os seus desígnios. Bento XVI (2012, p.2) discorre assim:

Então, ter fé é encontrar este Tu, Deus, que me sustém e me faz a promessa de um amor indestrutível, que não só aspira à eternidade, mas também a concede; é confiar-me a Deus com a atitude da criança, a qual sabe bem que todas as suas dificuldades, todos os seus problemas estão salvaguardados no tu da mãe. E esta possibilidade de salvação através da fé é um dom que Deus oferece a todos os homens. Penso que deveríamos meditar mais frequentemente — na nossa vida quotidiana, caracterizada por problemas e situações por vezes dramáticas — sobre o fato de que crer cristãmente significa este abandonar-se com confiança ao sentido profundo que me sustém, a mim e ao mundo, àquele sentido que não somos capazes de nos darmos a nós mesmos, mas só de receber como dádiva, e que é o fundamento sobre o qual podemos viver sem temor.

Por si só, a fé é um dom divino, mas depende da atitude humana frente as realidades impostas. Não se opõe a inteligência ou liberdade humana, mas a direciona sempre em saída, como se cada um estivesse constantemente num “êxodo de si”, que requer tempo e vontade. Crer é confiar que de alguma forma irá acontecer e o mesmo já não será mais. A “fé é um assentimento com que a nossa mente e o nosso coração dizem o seu sim a Deus, professando que Jesus é o Senhor” (BENTO XVI, 2012, p.3), e assim, cada um caminhará sempre buscando viver em sua vida, aquilo que o seu coração desejar profundamente.

2.3.3 Francisco

No início de seu pontificado, Francisco escreve para todos a carta encíclica *Lumen Fidei*¹³, sobre a fé, e dirá que tamanho dom foi dado por Jesus: “Quem acredita vê; vê com uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, porque nos vem de Cristo ressuscitado, estrela da manhã que não tem ocaso” (2013, p.7). A princípio, o papa exorta a todos a pensarem do que se trata esta luz. Poderia ser ela uma ilusão? A humanidade caiu num vazio e não sabe mais como retornar para seu caminho de felicidade?

Conseqüentemente a isso, a fé encaminha-se para as trevas, para um lugar frio, vazio, sem esperança alguma para as pessoas. A pura razão não foi capaz de “saciar as sedes” humanas pelo conhecimento. E desta realidade, o ser humano ficou no desconhecido de si. Da grande luz, a humanidade se contentou com as “migalhas do mundo”. Faz-se necessário redescobrir essa luz, pois em sua singularidade, a fé é capaz de conduzir toda a existência do homem e da mulher. Deverá ser imprescindível recuperar esta luz, esta fé.

Francisco (2013, p.9) assinala que “a fé nasce no encontro com Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos nos apoiar para construir solidamente a vida.” A fé será a estrada; o dom sobrenatural; a luz que vem do futuro; algo que não pode morar nas trevas. Juntamente às virtudes da esperança e caridade, a fé é um elementantíssimo à plena unidade com o divino.

Pela fé, dá-se uma resposta a Deus que vem ao encontro de forma pessoal, como acontecera a Abraão. Este reconhece em sua existência algo de muito profundo, já impregnado em seu ser. Posterior a isso, Israel se abre aos desígnios de Deus frente a sua miséria levando-a a terra prometida. Entretanto, a infidelidade é uma triste realidade. A fé deve voltar-se contra a idolatria e abraçar o amor misericordioso, capaz de perdoar e curar as mais diferentes realidades feridas do ser humano. Para o Papa:

Acreditar significa confiar-se a um amor misericordioso que sempre acolhe e perdoa, que sustenta e guia a existência, que se mostra poderoso na sua capacidade de endireitar os desvios da nossa história. A fé consiste na disponibilidade para deixar-se incessantemente transformar pela chamada de Deus (FRANCISCO, 2013, p.17).

De uma certa forma, a fé estava já voltada para aquele que viria. Em Cristo, tem-se a intervenção definitiva de Deus para com os seus filhos redimidos do mal. Na morte de

¹³ Isto é, “A luz da fé”.

Cristo, a plenitude da fidelidade de Deus para com todos se torna notório. A fé não é vã (Cf. 1Cor 15,17), pois Jesus ressuscitou dentre os mortos.

O Verbo de Deus leva a fé a algo jamais visto: para além do acreditar em Cristo, este é a maior prova do amor de Deus para com todos e, portanto, tem-se mais um motivo para se acreditar. Portanto, o caminho da fé agora se volta em Cristo. É acreditando nele que os crentes se salvarão, não por uma lógica de inércia, mas devido ao fato de quem adere ao seu projeto salvífico sua vida se abre de forma significativa ao amor.

A novidade em Jesus Cristo é a escolha radical do sujeito pelo Mestre, de forma livre. O crente tem sua vida alterada, pois se deixou modelar pela fé e neste ínterim, “sua existência dilata-se para além de si próprio” (FRANCISCO, 2013, p.22). Ter fé aqui é então uma novidade na vida do ser humano. O sujeito está para além de si e assim sua vida é ampliada, pois a fé permite esta perspectiva comunitária e não um fechamento de si mesmo.

A fé assume uma forma eclesial, pois em si, ela não deve ser entendida como algo privado, uma dimensão individualista, algo meramente subjetivo. Por ser algo que parte da escuta e adesão, necessariamente precisa ser proclamada numa realidade coletiva, numa comunidade que abraça a fé constantemente, atualizando sempre o querigma¹⁴, aquilo deixado por Jesus Cristo para seus discípulos.

Escutar e visualizar devem ser então realidades para se alcançar a fé. Quem se propõe a escuta da verdade, põe-se sob o olhar da obediência. Quem deseja enxergar, tem a visão plena do caminho. Segundo o Papa Francisco (2013, p. 31) “o ver, graças à sua união com o ouvir, torna-se seguimento de Cristo; e a fé aparece como um caminho do olhar em que os olhos se habituem a ver em profundidade.” Perante o túmulo vazio, o discípulo amado, mesmo ainda na escuridão, “viu e começou a crer” (Cf. Jo 20,8).

Enfim, a fé cristã proclama algo, e na concepção do Papa Francisco (2013, p. 33) “anuncia a verdade do amor total de Deus e abre para a força deste amor, chega ao centro mais profundo da experiência de cada homem, que vem à luz graças ao amor e é chamado ao amor para permanecer na luz.” Pela virtude da fé, a humanidade é

¹⁴ Substantivo derivado do verbo *keryssein*, no grego clássico indica uma notícia de caráter público e geralmente vinculador trazida por um arauto; no NT designa o anúncio do Evangelho feito aos judeus e aos pagãos, a proclamação da boa nova da salvação por obra de Cristo Senhor, morto e ressuscitado (2003, p.635).

provocada a entrar em si e perceber suas inúmeras realidades que precisam ser organizadas constantemente, pois este projeto nunca se finda.

O Papa Francisco, no final de sua carta encíclica, fala que a fé não deixa esquecer as dificuldades do mundo (2013, p.57):

A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. Os que sofrem foram mediadores da luz para tantos homens e mulheres de fé; tal foi o leproso São Francisco de Assis, ou os pobres para a Beata Teresa de Calcutá. Compreenderam o mistério que há neles; aproximando-se deles, certamente não cancelaram todos os seus sofrimentos, nem puderam explicar todo o mal. A fé não é a luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia nossos passos na noite, e isto basta para o caminho.

É pela fé vivida frente ao medo, ao desânimo e sofrimento, que a esperança aparece para fazer o crente ter um novo alento em meio a tanto dor e angústia. Decerto, aqueles ditos como os menores e esquecidos pelo mundo ensinam constantemente a não perder a esperança mediante as inúmeras realidades absurdas de todos os dias.

Expressivamente, a pandemia da COVID-19 revelou uma dramática crise na humanidade. Em carta destinada aos movimentos populares¹⁵, Francisco descreve a seguinte reflexão (2020,p.1):

Nestes dias de tanta angústia e dificuldade, muitos se referiram à pandemia que sofremos com metáforas bélicas. Se a luta contra o COVID-19 é uma guerra, vocês são um verdadeiro exército invisível que luta nas trincheiras mais perigosas. Um exército sem outra arma senão a solidariedade, a esperança e o sentido da comunidade que reverdecem nos dias de hoje em que ninguém se salva sozinho. Vocês são para mim, como lhes disse em nossas reuniões, verdadeiros poetas sociais, que desde as periferias esquecidas criam soluções dignas para os problemas mais prementes dos excluídos.

As virtudes cardeais da fé, esperança e caridade colocam a humanidade para um futuro certo, para aquilo que dá a garantia da alegre condição de ser discípulo do Mestre. Pela fé, a vida passa a ter mais sentido, mais graça frente aos dramas existentes no mundo dentro da cultura de um povo. Tudo isso aconteceu com Abraão, Paulo, e tantos outros que acreditaram na mensagem salvífica do Pai dos céus. Não é uma divindade ausente, distante ou abstrata, mas alguém que desceu e acolheu a todos os seus filhos adotivos.

Concluindo a reflexão sobre a fé nas origens, vê-se que crer é confiar que Deus agirá mesmo que as realidades digam o contrário, dado aos desafios inerentes a todos. Em Abraão, denota-se obediência ao chamado. De alguém simples, surge uma grande

¹⁵ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html. Acesso em 23 Ago. 2023.

nação, uma história importante para aquilo preparado por Deus desde há muito tempo. Para Paulo, acontece o descortinar pleno daquilo que ele já acreditava, mas que precisava ser entendido de forma total. Quando Paulo abraça a fé, ele ousa falar para o próprio povo, daquele que até então era o motivo de sua perseguição. Jesus transforma a vida de Paulo e implanta no apóstolo dos gentios a busca tão sonhada pela unidade do corpo místico que é a Igreja.

Possuir uma visão segura da alma é desejo de Santo Agostinho, bem como contemplar a fé por meio do uso da razão em São Boaventura, expressam condições que os padres da Igreja, ao longo da história, fomentaram debates na busca da unidade da Igreja, na reta interpretação das verdades de fé, com o intuito de que o povo de Deus tivesse a certa compreensão daquilo que era visto e ouvido.

A fé e a razão precisam caminhar juntas para que ser humano possa ser pleno e não fragmentado em si. São João Paulo II enfatizou muito essa lógica da necessidade de se compreender as verdades à luz da fé. A todo homem e mulher Deus se revela como Palavra definitiva, capaz de dar a eles a verdadeira capacidade de serem filhos e filhas de Deus, não coagidos, por medo, mas por amarem a um Pai que gratuitamente confere a todos aquilo que é fundamental para tais existências.

Essa realidade culmina no amor. Bento XVI ao dizer que Deus é amor, propõe uma perspectiva de fé que traz afeto, carinho, cuidado do divino para com o humano, elevando cada um para aquele lugar perdido no início da criação. Pela fé, o ser humano antecipa desde já tudo aquilo que será vivido na glória eterna. Deus vem ao encontro de todos. Não permanece ausente e indiferente, mas pede a cada um a não desanimar e continuar na caminhada de fé.

A razão apenas não fora capaz de dar ao ser humano aquilo que ele tanto buscou e ainda procura ao longo da sua vida. A luz que orienta é a fé, junto a razão. O Papa Francisco atesta essa certeza entendendo a fé como uma estrada a levar o ser humano na trajetória de sua vida para aquilo que o fará plenamente feliz. É acreditando que Deus fará sua vontade realizar na história de cada um que anseia sempre em bem viver a sua história.

Percorrer esse caminho até aqui faz vislumbrar quais serão os possíveis passos que fé tomará mediante as muitas realidades encontradas. Se antes a fé era assumida por tradição, pais passavam para filhos, hoje a crise de fé da humanidade questiona

profundamente a Igreja. Qual será a melhor alternativa para resolver esse dilema? Será possível ainda um encontro amoroso entre o humano e o divino? Caberá a teologia e a outras ciências a fazerem reflexões e juntas buscarem respostas ou quem sabe fazer novas perguntas, para mais uma vez pensarem acerca do acreditar no divino.

3 A FÉ NO HOJE DA HISTÓRIA

No capítulo anterior, foi visto que o ser humano deseja colocar em suas experiências significações que deem sentido à vida. O ter uma fé favorece a uma adesão, a uma aliança. Inúmeros povos em diferentes tempos já fizeram tal prática. Com Abraão e Paulo, não foi diferente. Homens de tempos distintos, mas que ao ouvirem um chamado, aqui partindo do transcendente, abriram-se a novas jornadas da vida. O se lançar ao novo provocou momentos únicos na vida das pessoas.

Sair de si mesmo é fundamental para se aderir a algo. Por mais duvidoso que possa parecer e os desafios surgirem, o desconhecido move o sujeito a encantar-se cada vez mais com o mistério a ser vislumbrado. De fato, seja em Abraão ou em Paulo, existe uma mudança radical de vida. A Tradição da Igreja procurou, por meio da razão, compreender o significado da fé em Deus.

É fundamental passar de uma fé ainda tímida e ingênua, para assumir uma fé sólida. Com Santo Agostinho se tem um encontro na fé de algo que é sempre novo e atual, não uma realidade meramente abstrata. O pensamento de São Boaventura ilustra a ideia de fé baseada na contemplação por meio do uso da razão e não feito de forma aleatória e sem um caminho.

O Magistério da Igreja atualiza progressivamente o entendimento da Revelação. São João Paulo II declara que o diálogo entre fé e razão é fundamental para a compreensão do próprio “eu” nesse caminho de fé. Bento XVI afirma que abraçar a fé é uma decisão fundamental na vida do cristão. Francisco aponta para a realidade da fé como dom do próprio Cristo, dom capaz de encorajar os discípulos a assumir suas mazelas e enfrentar seus dramas apoiados sobre a graça divina.

No presente capítulo tratar-se-á da temática da fé na atualidade, que apresenta desafios que nascem seja da experiência de vida, seja do ponto de vista do horizonte de pensamento que permeia todas as relações humanas em suas variadas dimensões, quais sejam o mal e o sofrimento, a secularização, a pluralidade de pensamento. O homem e a mulher de fé vivem uma crise e será preciso pensar quais caminhos terão que escolher para testemunhar a fé em Cristo aos seus contemporâneos.

3.1 O MAL E AO SOFRIMENTO

O mal e o sofrimento humano sempre fizeram parte da história. Na Sagrada Escritura, percebe-se na emblemática cena de Caim e Abel (cf. Gn 4,1-16), o resultado da inveja entre irmãos, e conseqüentemente o fratricídio. O tempo passou e os cenários de dor e sofrimento continuaram. Guerras e fomes persistiram ao longo de todo o enredo da humanidade e nos tempos hodiernos as realidades se veem cada vez mais desafiantes.

O Papa Francisco disse em sua Carta Encíclica “Fratelli Tutti (FT)”¹⁶ de um mundo fechado, em que sonhos têm sido desfeitos, “nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (2020, p.15). Percebe-se assim, um mundo globalizado e com distâncias reduzidas, porém com pessoas que vivem sozinhas, fechadas em si mesmas e uma vida completamente sem sentido.

O Papa Francisco (FT, 2020) escreve que os conflitos geram medos que atentam contra todo o projeto de fraternidade desejado por Deus. A cada nova ameaça, surge uma atmosfera de desconfiança e medo nas pessoas frente aos seus possíveis sonhos. Assim diz:

As guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas outras afrontas contra a dignidade humana são julgadas de maneira diferente, a dependendo de convirem ou não a certos interesses fundamentalmente econômicos: o que é verdade quando convém a uma pessoa poderosa deixa de ser quando já não a beneficia mais (FRANCISCO, 2020, p.23).

Enfim, mesmo a sociedade tendo avançado nas pesquisas científicas e no conhecimento em geral, o mundo “moderno” vive profundas crises existenciais, morais, sociais, entre outras. De acordo com Estrada (2004, p.261), em seu livro “A

¹⁶ Isto é, tradução da expressão italiana “Todos irmãos.”

impossível teodiceia”¹⁷ no capítulo que tange o fracasso da mesma, a modernidade fora marcada pelo progresso em diferentes aspectos, entretanto, a real situação trágica e absurda que o ser humano deste tempo é obrigado a viver causa danos à humanidade inimagináveis.

A partir dessa realidade, é perceptível uma exclusão do divino do horizonte humano e portanto, de acordo com Estrada (2004, p. 175), “o homem se torna Deus (modelo/rival) para o outro.” As religiões corroboram para a manutenção da paz social, mas ao mesmo tempo sua crise evocará danos para a sociedade. Desta forma, a modernidade carregada por um cenário positivista não perdurou muito e as crises apareciam: problemas naturais, as guerras, enfim, cenários catastróficos que causam dor e indiferença na humanidade.

A crise de fé do ser humano moderno reside em afirmações acerca de Deus que o colocam alheio ao sofrimento e ao mal. Estrada discorre que a insensibilidade divina é (2004, p.264) “sua visão de Deus se caracteriza pelo afastamento e pela indiferença em relação aos problemas particulares do indivíduo.” Enfim, de uma teodiceia, para uma antropodiceia, em que a humanidade se volta para si e a mesma terá que dar as respostas para as suas questões existenciais mais diversas. De acordo com Estrada (2004, p. 269) “a fé pode emergir das questões existenciais e das dúvidas admitidas, mas não do amordaçamento da razão.”

Estrada apresenta o pensamento kantiano e descreve que para além de uma simples ingenuidade gerada pelo dogmatismo, vertente religiosa, é preciso questionar, não deixar de perguntar. Por exemplo, na fé de Jó, o fiel será aquele que realmente usará de sua razão para se ater as reflexões do mundo de forma autêntica. Na visão kantiana, todos são vulneráveis ao mal, pois este é resultado do livre desvio da vontade. Se na ideia agostiniana, o mal, o pecado foram uma transgressão da liberdade, para Kant se trata de um afastamento do dever.

Segundo Kant, na própria Bíblia a origem do mal é moral, pois a natureza humana é boa, propensa ao bem. O mal surge como resultado da sedução da serpente, e não por causa da corrupção natural do homem. A serpente é um símbolo mítico que exprime o caráter insondável e inexplicável do mal, pois ele nos procede e apresenta-se como sedução (ESTRADA, 2004, p.280).

¹⁷ Sistema justificador de Deus, surge quando se pretende conciliar a afirmação de Deus com fenômenos que são ofensivos a nossa sensibilidade humana e religiosa (ESTRADA, 2004, p.32).

Na concepção kantiana, a consciência moral será responsável por todo o contexto do mal. Estrada acentua assim que em Kant não se apresenta um problema do mal oriundo de Deus, mas exclusivamente do ser humano. Para Kant, a religião é paralela a moral. Por fim, ele afirmará que o ser humano precisa realizar uma passagem, um renascimento, uma mudança para que então se alcance a conversão desejada (Cf. ESTRADA, 2004).

O ser humano tem então escolhido caminhar com suas próprias competências e razões e percebido as consequências de seus atos. Porém, por mais que ele ouse ser ele mesmo, único e autônomo, não tem alcançado um real sentido para a sua vida. De acordo com Metz (1969, p.9) “o mundo de hoje tornou-se profano e tudo indica que este processo está longe de atingir um termo previsível.” Angústias, tristezas, depressão e até suicídio são realidades atuais e desafiantes para toda a sociedade, inclusive para públicos que antes eram vistos como formadores de opinião e de sonhos.

A sociedade pensou ter alcançado seu êxito, todavia, as consequências de seu processo autodestrutivo se mostram a todo instante. Por vezes, em momentos complicados, o ser humano recorreu para além de si, do seu orgulho e fechamento e assim, conseguiu sair de determinadas realidades. Neste embate contra o profano mundo, a fé atuará na história, sem esquecer daquilo que é essencial ao cristianismo (Cf. METZ, 1969).

As pessoas têm vivido ininterruptamente inúmeras crises. No que tange o campo da fé, há uma imagem descaracterizada de Deus, a ponto de tê-lo distante e insensível ao ser humano. O mistério a ser revelado se perde neste caos moderno. O ser humano imerso num mundo cada vez mais abarrotado de informações não se percebe como sujeito de fé. Os diálogos são tantos, as vozes diversas que falar de fé tem sido um grande desafio. Já não se mais vê a figura do divino como uma meta ou ideal, e logo, a vida recai num vazio sem precedentes.

Hoje, o ser humano tem se orientado por aquilo que cause nele certa estabilidade econômica, o sucesso em seus planos, famílias fechadas e individualistas. Os valores que as movem se baseiam nesta dinâmica do ter, na qual, por meio daquilo consumido, a vida terá seu sentido ou não. Se há “vitórias”, é porque existiu méritos. Caso contrário, aquele sujeito fora um incapaz de se realizar nas suas possibilidades.

Logo, acreditar em Deus, torna-se banal, inoperante e perca de tempo (Cf. FRANÇA MIRANDA, 1989).

Consequência dessa realidade individualista será um mundo marcado pela solidão, a insegurança e o medo. Francisco (2020, p.24) diz que “a solidão, os medos e a insegurança de tantas pessoas que se sentem abandonadas pelo sistema, fazem com que se crie um terreno fértil para o crime organizado.” Ele ainda fala que “reaparece a tentação de fazer uma cultura dos muros [...] para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas.” De fato, o mal gera tantas realidades assim que danificam o sonho de Deus para com todos.

3.2 A SECULARIZAÇÃO

A realidade da secularização quis tirar do ser humano sua visão beatífica, para apenas se ocupar com o mundo. O que basta na lógica humana é se realizar a todo instante mesmo que para isso seja necessário deixar Deus. Uma sociedade plural, autônoma, que interpreta a realidade ao seu modo, não precisa de princípios cristãos, para orientar ou não suas escolhas éticas (Cf. FRANÇA MIRANDA, 1989).

A religião e a modernidade se depararam com o fenômeno da secularização. De acordo com Andrade e Bingemer (2016), a dinâmica da secularização é resultado da realidade religiosa nesse mundo presente. É possível perceber então que a sociedade já não é mais movida pela uníssona voz da religião. Logo, há na modernidade há um distanciamento daquele teocentrismo que prendia as pessoas a Deus. Andrade e Bingemer ainda trazem que a secularização é um fenômeno vivido pelo sujeito de forma livre na sua consciência. A sociedade secular vive uma realidade paradoxal, pois critica, nega a espiritualidade desse tempo.

O diálogo entre fé e ciência sofre diversos conflitos. Se antes havia interferências da religião, e seu discurso ainda se legitimava, atualmente, são muitos os que nem sequer levam em conta a opinião da fé. Uma sociedade secularizada já não mais escuta “mensagens evangélicas”. De acordo com Queiruga (2003, p.217):

A religião tem de aprender a dura lição de que campos enormes, que durante tempos pareciam fazer sob sua competência, passaram definitivamente para outras mãos. Esse é o significado profundo da “secularização”, que lhe acabou sendo dolorosa no âmbito material das possessões eclesiásticas, mas que não o é menos no âmbito da cultura, onde a partir do Iluminismo deveu reconhecer a autonomia das ciências físicas e históricas, bem como

da economia, da sociologia e da política. De fato, ainda hoje está aprendendo, não sem graves conflitos, a autonomia ética e da moral. Além do mais, a história recente mostra que, cada vez que a religião transgride seus limites, acaba irremediavelmente prejudicada.

A religião possui, por vezes, uma linguagem condenatória, despida de misericórdia. A mensagem transmitida gera medo e exclusão por parte de seus fiéis. Enquanto outras ciências conseguiram dialogar com a humanidade de forma inteligente, os que detêm a “fé” acabam gerando danos irreversíveis na vida das pessoas. O conceito de pecado já não é mais preocupação das pessoas, pois veem dentro da própria instituição religiosa um conjunto de problemas de diversas categorias. Quem deveria possibilitar a crença em Deus de forma coletiva não a realiza, pois não traz credibilidade em seu viver.

Por outro lado, Queiruga (2003, p.217) afirma que a ciência também precisa se abster de toda a sua onipotência, pois sendo “útil e indispensável para tantas coisas referentes às necessidades mais ou menos técnicas da vida humana, ela é absolutamente inadequada para aquelas que transcendem esse nível.” Para além desses embates, é preciso pensar que a crise da humanidade vai além de um mero ateísmo, de uma desnecessária inquietação sobre a existência ou não de um Deus cristão (Cf. BINGEMER, 2005).

No pensamento de Bingemer (2005, p.20) “hoje o Cristianismo histórico – e dentro dele o catolicismo – atravessam um período difícil, marcado [...] por uma desertificação que afeta sobretudo a instituição”, levando em sua concepção, um menosprezo para com a fé que paralisa a crença cristã e não encanta àqueles que possivelmente seriam seus novos fiéis. Muito mais que uma tentativa da morte de Deus, a modernidade inculca a indiferença religiosa. Não que Deus tenha sido extirpado dos homens, pois há ainda uma busca da humanidade por Deus (Cf. BINGEMER, 2005). O projeto da modernidade provocou a indiferença na fé, antes mesmo da questão em negar a Deus. Entretanto, a busca por um deus ainda continua a estar no coração.

A sociedade é afirmada por uma perplexidade de fatores que querem engessar o ser humano. O medo, desânimo, deixam de lado o ideal de progresso, em todos os sentidos, vividos pelo mundo desde muito tempo. A realidade atual gera insegurança entre as nações e conseqüentemente, traz nas pessoas inúmeros problemas que apontam para esta perda de sentido radical, pois afinal, já não há aquilo que

sustentava antes. Os momentos históricos mudam, mas os atores destes continuam sendo os mesmos, com necessidades a serem respondidas.

O contexto atual da fé é repleto de dramas existenciais que angustiam por respostas, mas que nem sempre são atendidas como esperadas (Cf. FRANÇA MIRANDA, 1989). Acreditar ou não em Deus tem sido uma questão que permanece. A verdade sobre as realidades é algo que inquieta e leva a humanidade a buscar incessantemente soluções. Mediante a crises humanitárias, pandemias, guerras, o problema sempre frequente da fome faz-se necessário reconhecer a contribuição da fé religiosa, da ciência e da sociedade como um todo, uma tarefa que não é fácil.

Por muito tempo, o ser humano busca por certezas, pois mediante a dúvida, as ambiguidades, o seu ser angustia-se por respostas. Em tudo isso, surge a constante busca pelo sentido da vida. Para onde caminha a humanidade? Qualquer caminho serve? Cabe somente ao ser humano decidir-se sobre aquilo que para ele é fundamental. Bingemer (2013, p. 31) descreve o seguinte:

A pergunta pelo sentido é colocada de formas notavelmente variadas, de acordo com a época histórica, o contexto vital, a situação da pessoa ou grupo que a postula e a dimensão da existência na qual aflora. Ela nasce da descoberta que todos fazemos em algum momento e que nos leva a um questionamento sobre a vida. nesse questionar-se, perguntamo-nos se a vida significa algo ou não é mais que uma sucessão absurda de fatos brutos.

Para além da dificuldade em dialogar sobre a fé no contexto atual da história, Libâneo (1992, p. 168), ainda aponta, a partir de ideias bíblicas, que as pessoas perderam o encanto com a obra criada por Deus, “a dessacralização da política com o Êxodo e a desconsagração de valores com o pacto do Sinai.” Isso tudo não quer dizer que o mundo caiu numa profunda condição ateia, mas que as pessoas do ocidente estão optando por outras coisas dado a falta de credibilidade do cristianismo.

3.3 A PLURALIDADE DAS CRENÇAS

A rivalidade toma o decurso do cenário religioso e ao invés de um frutuoso diálogo ecumênico e interreligioso, partem para disputas. Associado a isso, ainda há ocasiões em que a fé se utiliza das realidades sociais e seu alcance acaba sendo ainda mais agressivo, pois existe uma troca ou venda da fé (Cf. FRANÇA MIRANDA, 1989). Ainda existe um sentimento de desdém com a própria hierarquia eclesiástica rompendo

assim com toda e qualquer aceitação de suas verdades que por anos foi a “voz” da verdade a ser seguida por todos.

Foram tantas as revoluções provocadas nos últimos anos que nem mesmo a Igreja Católica ficou livre destas realidades. A pluralidade é um desafio para se acreditar em um único Deus. Se antes o cristianismo ocupava um lugar primordial e único, atualmente, sua hegemonia já não tem primazia. Miranda (1989) afirma que os cristãos poderão ser em certas situações apenas um grupo específico e que certamente escolheram viver a sua fé de forma livre e atraídos por ela. Por outro lado, a crise no processo de evangelização desencadeia uma série de outras realidades de fé, baseadas apenas em convicções pessoais, desvinculadas até mesmo da norma de fé da comunidade.

Dito de outro modo, em meio a um pluralismo religioso, há um pluralismo dentro da própria Igreja que se torna indecifrável, em que não é capaz de existir um mínimo de diálogo. Os tempos mudaram e a Igreja Católica hoje é mais uma instituição em meio a tantas outras que procuram apresentar a verdade que dá sentido à vida das pessoas.

O pluralismo atual da história coloca a Igreja numa posição desafiante, pois ela precisa dar respostas significativas a demandas que aparecem todos os dias de forma muito rápida. Se no passado a Igreja era a voz predominante, atualmente, já não é assim. Há uma variedade de vozes, de propostas, de vivências de fé. O desafio é que em muitas situações, não se busca o diálogo, o mútuo entendimento, mas sim a negação de uns aos outros. Nesse mundo de ofertas variadas de experiência de fé, anunciar o evangelho e propor sentido de vida às pessoas se torna uma tarefa árdua, o que demonstra, mais uma vez, que a adesão à fé cristã se dará por um convicto testemunho por parte da comunidade de fé.

Frente ao pluralismo, a ação correta não é menosprezar a própria fé, nem negar princípios religiosos fundamentais, mas é ter a capacidade para refletir, discernir, escutar e agir. É promover debates honestos e não momentos inquisitórios já presenciados historicamente. Caso posturas assim não se tornem reais, o catolicismo continuará a sofrer por uma posição que o atrapalha a muito tempo.

Seja qual for a crença, tal predominância no contexto ocidental já não tem mais sua hegemonia. Há uma profunda falta de coerência entre o mundo e a Igreja. Não que

esta deva ser “mundana”, mas precisa lembrar que seus seguidores estão no mundo fazem parte desta “verdadeira primavera eclesial”¹⁸. O Concílio Vaticano II ao resgatar as Sagradas Escrituras, bem como a antiga Tradição Apostólica, deseja revitalizar a espiritualidade perdida em meio ao dogmatismo teológico. É um desafio, pois implica dialogar com a cultura que diz a todos seus ideais e motivos para existir.

Estabelecer um encontro entre diversos povos é um desafio que perpassa tempos. Favorecer o diálogo com diferentes grupos que desejam o bem na sociedade é oportunizar situações de renovação no mundo marcado por tantas divisões e rupturas. A Igreja sendo canal da graça divina deverá buscar esforços para promover o diálogo entre as religiões e o respeito à tantas formas de crenças existentes. Portanto, é urgente uma eclesiologia aberta a ação divina que favoreça a dinâmica do encontro, do caminhar juntos em vista da unidade em meio às diversidades vistas como talentos e não como obstáculos.

3.4 UM POSSÍVEL FUTURO PARA A FÉ

O cristianismo é um caminho para frente. As pessoas buscam viver suas vidas na certeza de quem um dia alcançarão algo melhor, em uma outra realidade, chamada então de vida eterna. O ser humano, desta maneira, sempre caminhou e buscou na vida elementos para o êxodo de si mesmo. Sair de seu “eu” e se deixar confiar numa promessa sempre foi um desafio imensurável. A fé também verifica aquilo que outrora aconteceu e ousadamente se lança para o futuro a fim de viver seu caminho de esperança. Elementos do passado servem de segurança para o presente em vista de um futuro desconhecido, mas prometido. Para Schmaus (1986, p.21):

O passado oferece a garantia de que, quando o homem se encaminha para o futuro absoluto, para o encontro imediato com o mistério que se comunica e a que chamamos Deus, pensa e age com realismo, não perseguindo uma utopia ou ideologia. O decisivo é o para onde, não donde; este porém garante o para onde.

Todavia, as realidades mudaram e as verdades sempre colocadas estão perdendo sua vitalidade e até mesmo a pessoa de fé tem tido dificuldades para crer em Deus. Por meio das experiências realizadas pelo sujeito, este se percebe neste mundo numa relação de ser que experimenta e se descobre a todo instante. Segundo Schmaus

¹⁸ Expressão ligada ao Concílio Vaticano II. Bingemer (2005) se utiliza dela em “Ser cristão hoje”.

(1986, p.23) “cada homem é ordenado aos demais homens.” Ou seja, as relações não existem somente para o eu, mas para o outro.

O existir das pessoas é naturalmente um coexistir com todo o mundo. A humanidade criada universalmente e seu processo evolutivo indicam sua abertura sempre ao novo, ao desconhecido. Se a pessoa humana é dada para o devir, logo, em cada instante de sua vida, ela está saindo de si para realizar.

Decerto, frente as querelas atuais, o ser humano com sua profunda inquietação e busca pelo sentido em seu viver, a pergunta sobre Deus precisa ser refeita na lógica do divino que se autocomunica no contexto concreto da vida. Tudo isso se dará nesta capacidade de transcendência em que o indivíduo é chamado a realizar consigo, com Deus e com o mundo. De acordo com Queiruga (1995, p. 222) a revelação é “a totalização do ser do homem atravessando e incluindo em si todo o seu esforço cultural, completa-se ultimamente no encontro pessoal com Deus”,

O ser humano é essencialmente um ser aberto e sua orientação acontece para algo maior, transcendente. De acordo com Libâneo (1992, p.179), “o homem é abertura dinâmica para uma palavra de Deus.” Dado a sua condição fundamental, o ser humano abre-se a revelação, mesmo que situações opostas se neguem a tal realidade. Ao contrário dos animais, seres ontologicamente incapazes de se abrirem a graça ou revelação, ao homem e a mulher isso é possível.

O indivíduo não é fechado, mas sempre disponível para acessar ao novo. Para além de um isolamento estéril recorrente a tantas histórias humanas, geradoras de morte, a realidade do mundo existe para que o ser humano tenha relação diversas. Cada um consegue então superar o mundo meramente sensível e atingir condições nas quais se possa dar sentido à vida.

Para Libâneo (1992), o ser humano frente as suas diversas crises, sempre será um ser de perguntas, questionamentos, reflexões. Ele também tem uma compreensão básica de si, de suas realidades e dilemas. Neste viés, falar do divino, por vezes, foi algo que provocou no indivíduo uma série de reflexões e inquietações. Viver a experiência de Deus tem sido desafiante nos últimos tempos e aqui, o necessariamente cristão tem se questionado profundamente sobre a sua fé. De fato, confessar esta crença se torna delicado, também dado a pobre condição linguística

quando se necessita de termos que respondam a fé ou a conceituem (Cf. BINGEMER, 2005).

O que se percebe ultimamente é um movimento, além dos cristãos, desta divindade dinâmica, criadora e caridosa, em que necessariamente, não é obrigatório estar num grupo de fé. Percebe-se um número de católicos que abandonam a sua fé e vivem sem algo que os oriente, a não ser os seus próprios ideais. Assim, o que importará serão atos e gestos e não teorias, discursos e reflexões que não se tornam práticas.

A revelação outrora dada a um povo, de forma bem pontual, num contexto histórico, parece hoje ter perdido esta concretude. De acordo com Schillebeeckx (1994) Deus se tornou um problema para o indivíduo ocidental. A naturalidade antes na crença ao divino desapareceu. Com a institucionalização eclesial e outros fatores externos e internos, as pessoas já não mais creem em Deus e a crise do sujeito de fé é pertinente. Pensar num futuro para esse sujeito é algo desafiante.

As dificuldades da fé no divino no mundo ocidental são presentes. Se antes o indivíduo tinha uma vida muito bem planejada e descrita por suas concepções moralistas baseadas na fé, hoje sua vida de decisões se acentua basicamente em suas opiniões e o mesmo não mais ficará preso a conceitos de fé. A vida moderna é dinâmica e se perde tudo e com a fé não é diferente. Tudo se deforma e não mais se afirma um único ideal cristão. Schillebeeckx (1994, p.75) escreve que:

Os homens carecem de confirmação social para suas próprias convicções de vida porque a modernidade trouxe consigo pluralidade de cosmovisões e instituições e não mais existe uma só, ou seja, a cosmovisão cristã, encontra a cosmovisão social, o mundo tornou-se uma espécie de mercado em que se oferecem à venda várias e diferentes cosmovisões e concepções do homem, dentre as quais se faculta ao homem escolher.[...] O homem moderno vive num mundo com múltiplas possibilidades de escolhas, fato que como nunca o remete à própria interioridade.

A fé antes de ser imposta precisa ser vivida, sentida e testemunhada. Ao longo da história da fé, muitas tragédias foram realizadas e que até hoje reverberam em dores, lágrimas e cismas. Quando algo não é aceito de forma livre, cria-se um terrível cenário de construção social, na qual, a liberdade é substituída pelo fanatismo, por ideias confusas e ódio. De fato, não se define um processo fácil a vivência da fé em cenários pouco motivadores. É preciso um retorno às fontes da crença e viver de forma bem mais radical este itinerário.

A vivência de fé permeia algo profundamente humano, pois no Deus que se humaniza, a fé na humanidade é devolvida, a feliz culpa de Adão é desfeita (Cf. BINGEMER, 2005). A ideia mítica do ser humano sempre foi rodeada por esta causa que o quis para si, mas na fragilidade humana, aconteceu uma predileção pelas trevas ao invés da luz (cf. 1Jo). Esta experiência de Deus acontece não no “eu fechado”, mas na relação para com o outro.

É preciso “experimentar o Deus que se revela e que se manifesta pelo concreto mais limitado: o rosto, a carne do outro”, já dizia Bingemer (2005, p. 27). Faz-se necessário ultrapassar o limite do abstrato, da razão puramente verificável, para tentar novamente se encantar com aquelas palavras que Jesus no Sermão da Montanha explicitada aos seus discípulos (Cf. Mt 5,1ss). Enquanto sujeitos crentes ou que precisam retomar ao seu processo de “acreditar em algo” caberá a cada um se dispor a viver este projeto. O convite é feito, as realidades humanas são um “reflexo” para o seguimento, ainda mais quando alguns chegam ao patamar de bem-aventurados.

Para os cristãos, é inevitável esta misteriosa experiência de Deus para que aconteça de forma gratuita e não seja apenas algo imediato. Viver esta gratuidade é saber que a relação para com o Divino é constante. Todavia desejar este ser, é se encontrar com o diferente, com aquilo que faz o ser humano renunciar a si mesmo, para dialogar com o Outro (Cf. BINGEMER, 2005).

Numa sociedade em que nada se mantém, criar um ideal de compromisso, uma aliança, tem sido complexo a cada nova condição humana. As pessoas imersas em seu mundo particular, este Deus que outrora despertava inúmeros sentimentos de amor, fidelidade, cumplicidade, tem permanecido aquém dos interesses atuais humanos. Renunciar ao próprio “eu”, aos gostos pessoais, para ir ao divino é um desafio e tanto na liberdade oferecida ao ser humano.

Renunciar a si mesmo, para gerar em si um sentimento de curiosidade, de busca por este algo que ultrapassa as forças racionais, é algo desafiante. Viver assim o mistério é realizar esta experiência de Deus enquanto um absoluto, numa situação transcendental e única, é ainda mais complexo. Para além de tudo aquilo que cada um sempre ouviu, com suas origens e tradições, possibilitar um encontro nesta proporção é radicalizar com todas as possibilidades humanas até então vividas. Realizar um encontro com este absoluto, onipotência, força criadora, o arquiteto universal, esta explosão de vida é algo único, ímpar e inexplicável.

Acalmar-se num mundo agitadoíssimo, é permanecer no desejo divino de ser escutado, de não sentir medo, de confiar. Por meio do silêncio, a pessoa estabelecerá esta realidade, em que palavras não conseguem demonstrar tamanha grandeza do mistério. Na encarnação, o absoluto divino é sentido humanamente e assim, tem-se uma real condição de crença deste que até então se dizia intocável (Cf. BINGEMER, 2005).

A Teologia buscará respostas para tentar dar um alento às muitas interrogações que surgem todos os dias no mundo. Para O'Malley (2012, p.19) a "Teologia é o que sabemos a respeito das questões relacionadas a Deus; crer é aceitar como verdadeiro aquilo que sabemos; religião é o que fazemos com aquilo em que dizemos acreditar." O problema se manifesta frente às realidades emblemáticas que para aquele indivíduo se mostram inaceitáveis enquanto para o outro, tais situações podem acontecer.

O mundo evoluiu rapidamente. Em pouquíssimo tempo, os velhos pergaminhos, papiros ou tabuinhas ganharam versões digitais, que num clicar, fazem-se na palma de mão de milhões de leitores em todo o mundo, sejam estes crentes, ateus, agnósticos, enfim, pessoas que buscam algo relacionado a tal história de fé que moveu bilhões de seres humanos até os presentes dias. É preciso pensar na estrutura atual, no jeito como as pessoas falam da fé, relacionam com o divino, resgatando aquilo que fazia parte de sua essência. Segundo Passos (2014, p. 110):

Mas a modernidade parece ter sido o mais desafiante contexto para a continuidade histórica do cristianismo, do ponto de vista de sua viabilidade cultural e de sua preservação, por parte da Igreja, desde o seu nascimento e constituição no contexto greco-romano. Com efeito, se nas origens tratava-se de preservar um carisma em status nascendi, contanto com a força da primeira e da segunda geração de discípulos de Jesus Cristo, agora, nos tempos modernos, dever-se-ia, antes de tudo, resgatar o carisma soterrado pela instituição milenar estruturada de modo estável em suas regras e papéis. E tal tarefa deveria ser realizada na busca do diálogo com uma cosmovisão e com uma prática distintas e distintas da Igreja.

A atitude dos cristãos, desta Igreja que ao longo de séculos pregou, deverá conduzir sempre ao amor. A realidade vivida pela humanidade, dá ao cristão a certeza de acreditar no Deus que age em prol do outro, "no serviço de seu próximo e na presença e no agir ético no meio da sociedade (BINGEMER, 2005, p, 33)". É preciso repensar a figura samaritana, da proximidade do amor, da real presença da caridade, de uma humanidade que encontra no outro a beleza criadora do Pai e não de um patrão.

As pessoas estão imersas em esperanças e angústias que as põem em condições dramáticas. Mudam-se as cenas, mas a história se repete e o sujeito se perde em si,

em seu egocentrismo, engessando-o e impedindo de ser administrador das coisas do Criador e não o dono de tudo. A Igreja, segundo a *Gaudium et Spes* (GS, 1997, p. 542)¹⁹, deve ser aquela a interpretar e apontar caminhos para o seguimento dos povos sempre à luz do Evangelho. Este texto ainda declara (1997, p. 543):

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar de uma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa.

Necessita-se de uma nova postura na busca pela fé e na vida. A Igreja, neste contexto do Concílio Vaticano II, busca viver um novo tempo, em que as verdades de fé são as mesmas, mas o jeito de comunicá-las precisa ser diferente. Palavras novas são fundamentais, pois o mundo já não é mais o mesmo e nesse sentido é preciso caminhar juntos.

A Igreja é povo de Deus que peregrina pelas estradas do mundo desejosa da vida eterna a toda humanidade. Logo, ela deverá ser sinal e instrumento do amor divino presente nas mais diversas realidades. Jesus se encarnou e recapitulou toda humanidade decaída no pecado. Ele é o único mediador entre o divino e o humano, capaz de restaurar todas as coisas. Cristo é a salvação e confia à sua Igreja esta missão de salvar, pois no agora da história, ela cuida deste germe de esperança, deste mistério.

O Mestre convida aos seus discípulos a deixarem tudo, a se desapegarem das coisas e a assumirem a cruz. Esta, para muitos vista como loucura, escândalo e horror, mas para os cristãos é sinal de vitória da vida sobre a morte. A cruz precisa ser entendida sempre como resposta livre e autêntica de quem deseja viver o amor divino. Se for vista apenas como elemento mítico ou algo extremamente fundamentalista e radical, a pessoa não será capaz de fazer uma real leitura da fé cristã propagada pela Igreja ao longo de tantos séculos de história.

O mundo atual apresenta um ser humano perdido em si. Se no texto do Gênesis existe um caos primacial, as pessoas nos dias de hoje parecem ter retornado a este estado, indicando sua total indiferença para com o Criador. O Papa Francisco disse que o pior vírus existente é o individualismo, pois este causa um fechamento do ser humano em

¹⁹ Isto é, "Alegrias e Esperanças."

si mesmo. Ser Igreja é viver em comunhão, na comunidade dos crentes, numa infinidade de pensamentos e reflexões, celebrando o dom da vida.

O Papa Francisco, a partir da exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG)²⁰ propõe uma “Igreja em Saída”, indo ao encontro de todas as pessoas, principalmente as mais esquecidas pelo mundo. Frente ao ser humano perdido em si, a Igreja precisa ser uma casa aberta, sendo uma mãe que acolhe, cuida e protege. Ela não é dona de Jesus, mas um canal da graça divina. Aos leigos um papel fundamental neste protagonismo, pois sendo sal da terra e luz do mundo (Cf. Mt 5,13-14), colaboram muito no anúncio querigmático tão necessário atualmente. Crer na revelação é compreender que Jesus não permaneceu em si mesmo, mas foi ao encontro da humanidade, de sua pequenez e fragilidade e teve compaixão. Para Libâneo (1992, p. 166), com a fé, têm-se então este caminho:

Na fé, a revelação vai adquirindo sentido, atualidade. A revelação é marcada pelas condições históricas, pelas experiências daquele que crê. Por isso o conhecimento do universo experiencial daquele que crê é fundamental para entender a revelação. É de dentro dele, que ela é apreendida.

Sempre é tempo de avançar. O protagonismo do leigo precisa ir além da vida eclesial e ser recorrente nos diferentes segmentos da sociedade. Caso contrário, a sociedade permanecerá paralisada em suas mais diversas zonas de conforto que engessam o mundo. Muitos possuem talentos e dons preciosos que marcam a vida comunitária. Todavia, realidades desafiantes acabam minando sonhos e futuros de muitos, que por uma infinidade de motivos deixam de viver e sofrem todos os dias, duros “calvários”. É preciso que o “ser humano viva sua humanidade” em todos os sentidos.

4 O DESTINO DA FÉ

A fé nasce do encontro humano com o divino (Cf. ClgC. 2000, n.150) mediante a resposta livre a tudo aquilo que Deus irá revelar. Como refletido, a fé é um dom, dado por Deus, quem vem de sua suma bondade e chega aos seres humanos infundindo neles tamanha graça. A fé procura então compreender essas intervenções divinas com o uso da razão e sempre respondendo a Deus por livre vontade humana.

²⁰ Isto é, “Alegria do Evangelho.”

A fé é uma dádiva divina que poderá ser perdida por uma série de fatores. São Paulo já dizia a Timóteo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.2070): “Combate... o bom combate, com fé e boa consciência; pois alguns, rejeitando a boa consciência, naufragaram na fé” (1Tm 1,18-19). Num mundo marcado por tantos discursos contra a fé cristã e testemunhos não muito condizentes com aquilo pregado por “maus pastores”, são muitos aqueles que se perdem em sua fé.

Bingemer (2005) diz que desde o começo do mundo, as pessoas buscam viver suas vidas tentando buscar a face de Deus. Dessa forma, existe um mistério a ser desvendado, sentido, vislumbrado. O mundo atual não é mais o mesmo de outrora. A realidade da fé no mundo ocidental no hoje da história é vista pela perda da sua primazia sob as demais formas de pensamento. Se antes a religião propunha padrões de vida, hoje já não mais atrai como em outros tempos.

A secularização criou um momento na história que para além de pôr em conflito a existência de Deus também fez com que o ser humano tivesse que olhar para si e oferecer respostas nunca dadas aos seus inúmeros questionamentos e conflitos internos. É na perplexidade da vida que as pessoas enfrentam um emaranhado de informações e até tentam dialogar em meio as inúmeras diferenças existentes, porém, nem sempre encontram soluções.

Os cristãos se encontram em meio a tudo isso e precisam ressignificar sua fé constantemente, aderindo ao Cristo contido nas Sagradas Escrituras, testemunhado pela teologia atual e confirmado pelo magistério. O caminho da fé nos próximos anos passará por transformações que exigirão da Igreja meios eficazes para o sincero seguimento dos seus futuros fiéis. Tais assuntos serão descritos a seguir.

4.1 SAGRADA ESCRITURA

A Sagrada Escritura é uma fonte necessária e fundamental para a construção da fé de uma comunidade. O Magistério e a Tradição fundamentam uma luz a guiar aquele povo que acredita. A fé é uma segurança para as coisas esperadas. No vocabulário de notas temáticas da Bíblia do Peregrino (2011, p. 3011) a fé é entendida como “atitude fundamental do homem em relação a Deus. É atitude inclusive: por parte de Deus, implica sua fidelidade ou lealdade, por parte do homem, exige entrega

confiante.” Essa cumplicidade perpassa na palavra dita e que é crida na vida de cada ser humano.

O Catecismo da Igreja Católica (2000, p.54) afirma que a fé faz apreciar desde já a felicidade e a visão beatífica daquilo esperado nos céus por aqueles que caminharam nos caminhos do Senhor aqui na terra. “A fé já é, portanto, o começo da vida eterna”. E complementa com o seguinte (CIgC, 2000, p. 55):

A fé é um ato pessoal: a resposta livre do homem à iniciativa de Deus que se revela. Ela não é, porém, um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé dos outros, deve transmiti-la a outros. Nosso amor por Jesus e pelos homens nos impulsiona a falar a outros de nossa fé. Cada crente é como um elo na grande corrente dos crentes. Não posso crer sem ser carregado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo para carregar a fé dos outros.

Acreditar em Deus é ver em Jesus Cristo suas atitudes de vida e assim fazer o mesmo. São João afirma (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1879): “Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes” (Jo 14,7). Portanto, é preciso ver com os olhos da fé. O sujeito que adere ao projeto de vida proposto por Jesus precisa ver Nele essa certeza. Na dúvida dos discípulos, Jesus oferece neste momento uma fé confiante com um duplo apoio: Ele e o Pai. Com o Filho de Deus se transita para o Pai, é possível acessar a Deus. Mais adiante, Jesus fala que o Espírito Santo há de guiar os discípulos na plena verdade, sendo o Espírito o guia da comunidade na ausência de Jesus Cristo que voltou para o Pai (Cf. Jo 16,13).

Pela fé, o crente adere a Jesus colaborando na missão confiada aos seus discípulos. É preciso pedir e confiar na ação divina. A oração é a chave para se chegar ao mediador. Jesus ascende aos céus, todavia não deixa desamparados aqueles com os quais caminhará junto. Eis que o Paráclito caminhará com aqueles que permaneceram firmes nesta fé. É preciso então confiar por esta realidade descrita e agora plenamente realizada com o Filho de Deus. Se a fé perpassa um caminho de encontro, de uma experiência realmente significativa, dentre tantas já descritas, a do apóstolo Paulo traz consigo um interessante enredo e serve de exemplo para os novos crentes. O caminho de Damasco é um lugar de mudança de vida para este homem. O perseguidor feroz se converte em servo fiel do Messias. O texto dos Atos dos Apóstolos (At 9,1-9)²¹ descreve assim:

²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1916-1917.

Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote. Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém, presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres. Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: "Saul, Saul, por que me persegues?" Ele perguntou: "Quem és, Senhor?" E a resposta: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deve fazer". Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu.

Paulo tem uma mudança radical em seu jeito de ser perante aquilo tudo que ele acreditava até então. Paulo se vê num estado em que já não é mais possível permanecer em tais condições e assim sua vida tem uma nova direção. É preciso rever suas atitudes e agora ouvir e realizar aquilo que o Ressuscitado apresenta para ele.

Sua vida já não será mais a mesma, pois sua adesão é agora sob a lógica da cruz. A conversão paulina é antes de tudo uma atração ao próprio Cristo glorioso e ressuscitado que atrai para junto de si todas as criaturas, até mesmo aqueles que o perseguiam. Paulo contempla agora e vive o sofrimento que fará parte de sua missão, mas que o fará um grande apóstolo, fazendo-o chegar a lugares além Jerusalém. Paulo afirmará então que é Cristo que vive nele, pois junto ao Mestre está crucificado com Ele (Cf. Gl 2,19-20). A partir desse momento, o apóstolo de Cristo, une-se de tal forma ao seu Mestre que defende a primazia desta fé, que precisa superar a Lei. Ele diz ainda (Gl 3, 23-27)²²:

Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar. Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Chegada, porém, a fé, não está mais sob o pedagogo; vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo.

O pedagogo conduziu os filhos até o seu Mestre. A missão da Lei chegou agora ao cumpridor pleno dela: o Verbo de Deus encarnado. Jesus é aquele que desde o início estava na criação do mundo e agora totalmente se revela a humanidade. Na pessoa divina de Jesus acontece a síntese perfeita entre o céu e a terra. A fé cristã afirma, então, um encontro do divino com o humano.

Deus ama incondicionalmente a seus filhos e em Jesus se tem esta plena revelação. É no amor que se conhece a Deus. A primeira carta de São João descreve que aquele

²² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.2035.

que não ama não conheceu a Deus. A caridade de Deus para com o mundo foi o envio de seu Filho amado para salvar a todos. Ele foi a vítima que expiou as culpas dos pecadores. Quem permanece no amor, está ligado a Deus (Cf. 1Jo 4, 7-16). O fiel tem sua fé provada de diferentes maneiras e espera alcançar aquilo que ultrapassa a esta realidade mortal a todos. A primeira Carta de São Pedro (1Pd 1,6-9)²³ descreve assim:

Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, por algum tempo, sejais contristados por diversas provações, a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, cuja genuinidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória e honra por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. A ele, embora não o tenhais visto, amais; nele, apesar de não o terdes visto, mas crendo, vos rejubilais com alegria inefável e gloriosa, pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das almas.

O ser humano busca satisfazer seus anseios e por mais que pareça simples exige do crente algo que ultrapassa suas percepções puramente racionais. Quem se coloca neste caminho deve ouvir o que Deus tem a dizer na sua vida. É confiar na ação divina como aconteceu a Paulo e aos demais apóstolos.

Da mesma forma que as aflições serão reais, em vista da salvação desejada por aqueles que creem, o crente precisa estar num caminho. Para muitos, isto acaba sendo puro devaneio. Outros não veem mais necessidade de caminhar numa igreja. Acabam tendo suas próprias experiências religiosas, e em sua maioria, dizem-se mais completas e felizes nestas escolhas individuais que fizeram. Enfim, decidem-se aquilo que fará bem para suas vidas e não precisam que ninguém as conduza a uma divindade determinada e “adorada”.

A palavra de Deus tem força de ser criadora. A partir do novo, o ser humano tende a ser encantar, a ficar maravilhado e a se ordenar em sua existência. Para Bingemer (2005, p.90) “Deus cria, entretanto, pondo ordem no criado. Sua Palavra estrutura o caos.” Faz novas as coisas que não estavam em ordem. É preciso reaprender a ver o mundo como uma manifestação, uma epifania e não simplesmente um amontado de matéria orgânica ou seres vivos. Nessa ordem, o ser humano não é apenas mais uma criatura, mas é imagem do Deus que se revelou num tempo oportuno. Aquele que deseja acreditar em Deus, precisa confiar em sua ação. Já citados no primeiro capítulo, Abraão e Paulo são exemplos que conseguiram escutar a vontade divina em suas vidas.

²³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.2113.

A carta aos Hebreus (11,1) fala de uma garantia: “A fé é a garantia dos bens que se esperam” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.2097). Nessa perícopes, há uma série de personagens históricas que apresentam esse itinerário da fé. A ideia sobre a fé contém dois substantivos interessantes que a Bíblia do Peregrino discorre (2011, p.2885) : “*Hypóstasis*²⁴ é a garantia oferecida ou a confiança experimentada; *elegchos*²⁵ é a prova da promessa ou a esperança suscitada.” A partir desta exposição, suscita-se a ideia subjetiva da fé no que se refere a fé como esperança daquilo desejado.

As pessoas confiam em Deus e esperam sempre por sua manifestação. Os discípulos de Jesus, em outra perícopes, pedem ao Mestre para que aumente a fé que possuem (Cf. Lc 17,5b). Também no episódio da cura dos 10 leprosos, mesmo que apenas um tenha voltado para agradecer, Jesus enaltece sua fé e que ela trouxe para essa pessoa: a alegria da salvação (Cf. Lc 17,19). A força da fé não se entende por sua grandeza, ou quantidades, mas sim de sua confiança naquele que é o apoio, ou seja, o próprio Jesus. Pedir a Ele que aumente a fé ou mesmo apresentando a gratidão por tal gesto é manifestação de fé.

4.2 NO MAGISTÉRIO PÓS-CONCILIAR

A exortação inicial no magistério de Francisco (Cf. EG, 2013, n.17) diz que é urgente uma revisão do processo da transmissão da fé. Ora, mediante as demandas contemporâneas para com o ser humano é preciso fomentar novos meios na dinâmica da evangelização dos povos. Nunca se viu tantas possibilidades de se oferecer conhecimento aos indivíduos, mas ao mesmo tempo, estes nunca se viram tão perdidos em si mesmos. O ser humano tem tido dificuldades em seguir as verdades do seu tempo. E ao falar em verdades eclesiais, o cenário se torna ainda pior. Aderir a uma verdade de fé é um desafio a ser percorrido para todos, principalmente para aqueles que, por uma infinidade de causas, não veem motivos para tal.

Um dia a fé foi propagada nas mais inúmeras realidades possíveis. Hoje, é preciso renovar o ardor missionário e continuar a repetir os gestos propostos por Jesus: “Ide fazer discípulos entre todos os povos, batizai-os consagrando-os ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo” (Mt 28,20). Francisco, desde o início de seu ministério petrino, deseja

²⁴ Do grego e significa, “equivalente a pessoa” (LEXICON, 2003, p.341).

²⁵ Do grego e significa, “eleição” (2003, p.230).

uma “Igreja em saída”²⁶, num desejo de que todos saiam da comodidade e vivam em comunidade de irmãos. A fé terá assim um destino diferente, não mais isolada, mas vivida em fraternidade.

É preciso tomar a iniciativa e experimentar aquilo proposto por Cristo. A Igreja deve assumir a força da Palavra de Deus e sua ação no meio do mundo. É por meio dela que previsões e esquemas serão quebrados e a fé caminhará livremente em meio as incredulidades contemporâneas. A alegria do Evangelho precisa ser novamente experimentada por aqueles que a perderam (Cf. EG, n.21).

Uma Igreja em saída é aquela que se coloca em estado de conversão, de mudança com seus esquemas e métodos. Quando se tem em demasia muitos planejamentos se corre o risco de esquecer daquele que é por excelência o protagonista da missão: o Espírito Santo. O Concílio Vaticano II (EG, n.25, p.23) ditou a “conversão eclesial como forma de reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo.”

A vocação da Igreja é imitar os passos de Cristo e por isso, a Igreja peregrina é convidada a esta contínua transformação. Para isso, Francisco deseja uma reforma das estruturas pastorais fazendo que todas sejam missionárias (Cf. EG, n.27). Frente a um fechamento eclesial, a renovação da Igreja é para o bem da mesma. O que se vê em muitas culturas atualmente é resultado do esfriamento da religiosidade de um povo que já fora ardoroso.

É a partir do se abrir ao Evangelho que o discurso eclesial ganhará sentido, beleza e fascínio. É dessas prerrogativas que surgem novamente o encantamento pela fé perdido por uma série de realidades. O assunto se deve pautar naquilo que é o essencial (Cf. EG, n.20). As verdades reveladas procedem de um mesmo lugar e deverão ilustrar beleza da salvação apresentada por Jesus Cristo que morreu e ressuscitou graças ao amor salvífico de Deus.

Francisco discorre que a Boa Nova deve ser manifestada com clareza e seu conteúdo de amor e salvação deve chegar ao coração dos filhos de Deus. A *Evangelium Gaudium*, (2013, n.39, p.29-30) em seu texto também apresenta essa ideia:

Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese; não é mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros

²⁶ Cf. EG, n.20, p.19.

e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Esse convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor. Se tal convite não reflete com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo; é que, então não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter o perfume do Evangelho.

A missão deixada por Cristo precisa se encarnar na vida das pessoas. A Igreja, discípula missionária, fará crescer a manifestação da Palavra e sua compreensão a todos. As muitas mudanças de época fazem com que a Igreja preste atenção na forma como a Verdade é dita para ser então bem compreendida e sempre vista como novidade. A Palavra não é algo morto, mas cheia de vida em abundância que modifica a todas as realidades por si perpassadas.

Frente a inquietação de São Pedro, Jesus diz aos seus discípulos que eles hão de receber muito mais nesta vida e na vida futura dado ao seguimento da cruz (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1821): “Não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, sem que receba muito mais neste tempo e, no mundo futuro, a vida eterna” (Lc 18,29-30). Frente as incertezas da vida, o crente passa a ter a garantia que seu “sim” não será algo vazio, sem sentido, pelo contrário, trará muitas alegrias desde o momento presente.

A Igreja em saída é esta que, apesar de suas limitações, medos e angústias, permanece de portas abertas, pois estende o olhar para além de seus muros como elemento na evangelização dos povos (Cf. EG, n. 46-47). Desta forma, assumindo uma dinâmica missionária, a salvação há de chegar a todos. Francisco (EG, n.49) em sua exortação afirma que deve ser motivo de inquietação da Igreja a apatia de muitos que perderam o encanto com sua fé:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: Dai-lhes vós mesmo de comer (Mc 6,3).

É fundamental olhar o tempo presente imerso a tantas crises e buscar viver esse itinerário proposto por Jesus de forma autêntica. Os desafios atuais parecem

apoderar-se dos corações das pessoas e a alegria de viver tem desaparecido por completo. A vida se torna difícil e não há dignidade na mesma. Vive-se numa época de enormes saltos qualitativos e quantitativos, mas que nem sempre se traduzem em humanas condições de vida (cf. EG, n.52).

Evangelizar num mundo que exclui e descarta as pessoas é rememorar o que o mandamento do “não matar” já dizia: assegurar a dignidade da vida humana. Viver a fé pressupõe a assertiva evangélica de cuidado com a vida. A lógica do bem-estar paralisa as pessoas e conseqüentemente, distrai as mesmas das inúmeras vidas engolidas por um mundo absurdo. João Paulo II (2011, p.107), na Carta Encíclica *Evangelium Vitae*²⁷, afirma que:

A vida humana possui, portanto, um caráter sagrado e inviolável, no qual se reflete a própria inviolabilidade do Criador. Por isso mesmo, será Deus que se fará juiz severo de qualquer violação do mandamento não matarás, colocado na base de toda a convivência social. [...] O preceito não matarás, explicitamente, tem um forte conteúdo negativo: indica o limite extremo que nunca poderá ser transposto.

A fé do cristão deverá ser em Jesus Cristo, que libertou o seu povo assumindo esta condição humana. Sua entrega na cruz redimiu a humanidade que outrora se entregou ao pecado, ao mal, à idolatria do dinheiro (Cf. EG, n.55). Devido ao consumo, a sociedade se perdeu em sua condição humana, confiou suas forças exclusivamente no “deus dinheiro” e se rendeu a tantas formas de exploração que fazem atrocidades cotidianamente.

Francisco é categórico em dizer que “o dinheiro deve servir e não governar!” (EG, n.58). Infelizmente, os meios econômicos atuais celebram a primazia do consumo que, aliado à gritante desigualdade social, geram danos ao tecido social nunca vistos. É preciso superar o provisório, o imediato e superficial, para que assim os desafios destes tempos sejam superados em definitivo.

Os movimentos religiosos surgem e com eles novos jeitos de viver a fé. A sociedade muda e tão logo, as pessoas criam novas formas para manifestar a sua fé, que se dá de diferentes maneiras. Do mundo vem inspirações para encontrar uma “fé” a ser experimentada, aceita ou não. Seja numa perspectiva intimista, egocêntrica, materialista, muitos são aqueles que já não se sentem pertencentes a um grupo religioso, pois falta em muitas situações acolhida, cuidado e zelo para com as

²⁷ Isto é, “O Evangelho da Vida.”

“ovelhas”. Infelizmente, a comunidade de fé se transformou numa “empresa”, que tem como meta ser administrada. Francisco fala sobre esse vazio gerado por tais proliferações (2013, n.63, p.44):

A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado de uma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. Estes movimentos religiosos, que se caracterizam pela sua penetração subtil, vêm colmar, dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista. Além disso, é necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre a pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização.

Todas estas realidades fazem com a fé se reduza a algo particular, privado e fechado. A sociedade se perdeu eticamente, na qual tudo é permitido e o relativismo acaba sendo a resposta para tudo. Francisco afirma que a Igreja Católica é uma instituição a ser seguida, dada a sua contribuição histórica positiva em diferentes situações e momentos. O individualismo pós-moderno gerou sobretudo esta falta de diálogo e de abertura às reflexões pertinentes para os desafios do hoje.

Faz-se urgente uma espiritualidade missionária que entusiasme a todos (Cf. EG, n.80) e encante os que perderam ânimo na vivência da fé. Mediante as desconfianças e desencantos por parte de alguns, não se pode paralisar, mas viver bem as missões confiadas a cada um, sendo sinais da graça de Deus sempre.

O pragmatismo religioso deforma a missão da Igreja e não gera vida eclesial. Os cristãos que deveriam irradiar alegria se transformam em “múmias de museu” e cheios de tristeza e sem esperança não transmitem a fé. Francisco insiste (EG, 2013, n.83, p.54): “não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” Portanto, é fundamental não cair num pessimismo estéril e naquilo que tire a alegria de levar o Evangelho a todos. Ele acrescenta (EG, 2013, n.87, p.57):

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade, caravana solidária, peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação humana traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade

entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.

A fé no Evangelho é se arriscar ao encontro, ao caminhar juntos, a ver os inúmeros sofrimentos do tempo presente. Não é ficar preso a um “Cristo espiritual”, mas viver sua encarnação, profundamente humana. Deus convida a todos à revolução da ternura. Recordar-se o que apontara o Concílio Vaticano II em sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, (1963, n.22, p. 563) sobre a Igreja no mundo de hoje, acenando para o Cristo, o homem novo, que veio para viver profundamente essa humanidade:

Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. [...] Pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem.

É salutar aprender a descobrir a face de Cristo no próximo (Cf. EG, n.91) e perceber o mistério divino que se revela sempre no outro. São nos sofrimentos, nas realidades complexas, nos terríveis cenários de mundo, que está a verdadeira cura do isolamento humano. Relacionar-se com o outro gera uma fraternidade mística capaz de descobrir a perfeita obra da criação.

Francisco relata que nessa busca pela fé a mesma não se pode converter a um mundanismo espiritual, que buscaria viver uma fé fechada, um fascínio do gnosticismo, ou a um neopelagianismo autorreferencial, um acreditar puramente nas próprias forças (Cf. EG, n.94). Tais manifestações “ditas da fé” são vazias de um profundo sentido cristão e acabam dominando a Igreja, ditando suas regras.

O Espírito Santo deve libertar desta centralização humana que asfixia a real experiência divina em cada crente. “A evangelização é dever da Igreja (EG, n.111, p.69)”, e para além de mais uma instituição presente no mundo, a Igreja é um corpo que caminha para junto de Deus. A Igreja é sinal e instrumento da comunhão entre Deus e os homens e tem por tarefa conduzir todos a unidade total em Cristo, é o que afirma a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II.²⁸ Esse texto ainda diz (1963, p.102):

As presentes condições do mundo tornam ainda mais urgente este dever da Igreja, a fim de que todos os homens, hoje mais intimamente ligados por

²⁸ Cf. Isto é, Luz dos povos. LG 1, p. 102.

vínculos sociais, técnicos e culturais, alcancem também a unidade total em Cristo.

Decerto, o apelo missionário de Jesus conduz ao crescimento da fé. Para isso, é vital uma catequese querigmática e mistagógica. É preciso voltar ao primeiro anúncio, na qual se tem no querigma a base da fé: a Trindade Santa (Cf. EG, n.164, p.97). Tal anúncio dessa Boa Nova deve levar ao amor salvífico de Deus, não por meio da imposição, mas pelo uso da liberdade com proximidade, diálogo, paciência e sem condenações. A iniciação mistagógica será o caminho, o itinerário progressivo que formará as pessoas no caminho da fé. Ao usar destes meios, o mandato missionário de Jesus surtirá efeitos frente aos desafios de hoje.

Para além dos dilemas vindouros é preciso não perder a esperança no seguimento a Jesus Cristo. É preciso caminhar e estar atento aquilo que a Igreja sabiamente orienta, com a certeza da ação do Divino Espírito Santo que permeia constantemente a ação eclesial nos tempos de outrora, bem como no hoje da história.

4.3 NA TEOLOGIA ATUAL

Segundo França Miranda (1989, p.19), se é fácil descrever desafios e problemáticas para com a fé, é fundamental tentar apontar saídas para viver a fé nos tempos de hoje. Num mundo marcado por tantos sofrimentos e realidades complexas, o ser humano se perdeu na busca por aquilo que o faria feliz realmente. A necessidade da experiência divina serve ainda como reposta para os absurdos da vida. Na concepção de Karl Rahner (2004, p.78) : “o cristão do futuro, ou será místico ou não será cristão”, é fundamental que a Igreja exerça seu papel como mediadora da salvação para com todos, levando seus fieis a essa experiência de fé.

É imprescindível papel da Igreja oportunizar ao ser humano o valor fundamental do encontro pessoal com Deus, a cujo serviço estão todos os seus esforços pastorais. Função mistagógica de levá-lo ao encontro com o Mistério e de ajudá-lo a reconhecer a presença e a ação deste em suas experiências humanas significativas. E numa sociedade urbana e secularizada deverá ela incentivar, não só que tais experiências sejam vividas, mas também narradas, formuladas, expressas, mesmo que com expressões novas ou a partir de ângulos não habituais. A novidade do discurso apenas comprova sua incidência na novidade das situações postas pela sociedade (Cf. FRANÇA MIRANDA, 1989).

É preciso resgatar o transcendente, no qual o ser humano “deve reconhecer seu universo e sua morada, e não mais seu nada, sua angústia ou seu tédio, sua náusea, seu absurdo sem fim, sua impotência e sua miséria” (Cf. BINGEMER, 2016, p.120). A transcendência precisa ser novamente o absoluto e assim o fiel encontrará na comunidade o lugar desta manifestação em que o mesmo fará sua experiência de fé. A experiência de Deus seria algo completo que não fica retido numa exclusiva dimensão da existência humana, mas atinge a realidades nunca imaginadas. Bingemer (2016) afirma que tudo isso acontece num caminho de relação com o outro. É o Deus que se experimenta no outro, no encontro com o próximo.

Graças à fé, o ser humano é capaz de realizar atitudes inimagináveis. É o desejo que leva ao encontro de verdadeiros acontecimentos sem explicação. Segundo Bingemer (2016, p.125) “crer significa possuir uma confiança básica na vida.” Sendo assim, é compreensível que o sujeito poderá acreditar, confiar e pedir, pois se sente amado e querido por Deus. Ela ainda diz (2016, p.125): “pela fé nos sentimos salvos”. A fé desde seus primórdios fora testemunhal, vivida intensamente naquilo que eles anunciavam. A experiência mística tem como fonte nos próprios místicos que viveram plenamente tal expressão da fé. Bingemer relata que o ser humano se encontra na história do mundo e ele precisa escolher (2013, p.111):

O ser humano é livre. Ou seja, ao mesmo tempo que é livre para dizer sim, é livre para fugir, voltar as costas e dizer não. Sua liberdade transcendental ou liberdade última é medida pela realidade. Isto é, pela corporeidade, pela história, pelo tempo e pelo espaço. Trata-se de uma dimensão totalizante mediada por aquilo que é contingente e provisório.

O ser humano terá que estar aberto à escuta. É por meio da linguagem que cada um se expressa como uma criatura. Por isso, a fé necessita para além da escuta, uma resposta. A linguagem da fé provoca um criar, um transformar a sua realidade. Desta forma, recebendo a palavra o ouvinte aprende e constrói novas possibilidades em seu viver. Tal palavra que transforma tudo para o crente é a Palavra de Deus. Para Bingemer (2013, p.114) “a fé que responde à palavra revelada que desvela ao mesmo tempo em que vela o mistério absoluto que constitui o ser humano se expressa em palavra que diz aquilo que ouviu e experimentou.”

A fé cristã tem como pessoa Jesus de Nazaré. Suas atitudes indicam a esperança de um Reino que se aproxima e precisa ser acolhido com fé. Bingemer fala da pregação de Jesus a partir de um caminho (2013, p.115):

A fé que propõe é a confiança nele como caminho que conduz a Deus e que deve ser seguido radicalmente, rompendo ou relativizando todos os outros laços, familiares, profissionais, etc. A fé que nasce de sua pessoa, sua vida, morte e ressurreição é que será chamada fé cristã tomará consciência de si como um dom, gratuito e imprevisto, recebido do Espírito de Deus, e não de uma herança humana, mesmo sendo ela uma religião.

A fé cristã não é definida por gestos cultuais ou confissões doutrinas, apesar da sua importância, mas sim deverão expressar aquilo que são na prática da vida. A experiência de Deus se faz com gestos de caridade com o próximo, no cuidado aos pobres, no perdão aos inimigos, com gestos reais e não ideias abstratas, fechadas no “eu da vida”. Bingemer (2016, p.115) descreve que “o cristianismo não pode ser definido como uma religião, e sim uma revelação, uma proposta de vida que se pretende crível”, e assim, caberá a cada indivíduo acolher e pôr em prática tal condição de vida.

O ser humano é alguém presente na história e com ela vive suas diferentes situações. Deus se revela na história ao falar com as pessoas e continuar a falar, até mesmo nos momentos mais complexos da existência. Esperar deve ser a conduta cristã que confia na ação divina. Para os cristãos, a Escritura nunca fora totalmente decifrada, pois ela está sempre se revelando e transformando a vida de seus crentes. Ao recuperar a história da salvação, Deus gera a fé na vida de cada um: “À entrega divina total só pode corresponder uma resposta e uma entrega igualmente totais por parte do ser humano” (BINGEMER, 2013, p.133).

Para que tal situação aconteça, existem elementos fundantes para isso. A oração é um deles. O tempo diante do Senhor é fundamental para sentir aquilo que Ele quer. Perante a beleza da criação, o ser humano é convidado a contemplar as maravilhas divinas e assim perceber o quão grande é este mistério incompreensível às razões humanas. Outro elemento que Bingemer acentua é a direção espiritual. A presença de alguém experiente ajuda nos caminhos de oração necessários ao seguimento do Mestre. É numa mistagogia experimentada, que os inexperientes terão êxito e afirmaram a sua fé (Cf. BINGEMER, 2013). O desejo é que o cristão viva a sua fé de forma completa e total. Ainda sobre a prática da oração, Bingemer diz (2013, p.136):

A oração assim vivida e guiada será, então, verdadeiro discipulado, já que coloca o orante na escuta de Deus e de sua vontade e se transforma em verdadeiro aprendizado de seguir e servir o Senhor no meio do mundo, onde tantas diferentes solicitações, provenientes não sempre do mesmo Espírito, se cruzam e muitas vezes dividem, confundem e enganam.

O desejo de Deus é que todos tenham vida e em abundância. Dado a isso, caberá a todo cristão se engajar pelo bem da Igreja, manifestação histórica da salvação entre os homens. “Todo batizado é enviado e carrega consigo, seja qual for a situação ou estatuto canônico, a responsabilidade da Boa-Nova do Evangelho de Jesus” (BINGEMER, 2013, p.139). O viver do cristão a partir do contato com Jesus é totalmente transformada e assim, o Espírito Santo irá guiar a comunidade que caminha nesta certeza.

A vivência da fé no mundo não é intimista, mas sentida em comunidade, na lógica eclesial e trinitária. Para Bingemer (2013, p.140) “a espiritualidade cristã é uma espiritualidade do eu em comunhão, portanto, do nós opondo-se assim a todos os individualismos e isolamentos.” Ser portador do Espírito Santo é manifestar a Igreja a todo o mundo, pois o crente carrega consigo a forma de Deus e encanta a todos por sua mensagem evangélica que não é própria do eu enquanto humano e sim do divino que habita em cada sujeito de fé.

Ser cristão hoje permeia a vivência da fé de forma próxima e filial a Deus que ama seus filhos. Deus sempre amou aos seus filhos, mesmo nos momentos em que os seus o abandonaram ou não souberam amá-lo. O Pai misericordioso sempre espera de braços abertos na feliz expectativa do retorno a casa paterna (Cf. Lc 15, 11ss). Segundo Bingemer, é na carne que aconteceu a experiência mais íntima de Deus para com a humanidade. Na carne do outro é que o ser humano se apresenta como é; na carne do outro, percebe-se o Deus que sofre e ao mesmo tempo ajuda a quem sofre (BINGEMER, 2013, p.149): “integrar a carne do outro na experiência mais inefável do amor divino é o grande desafio que, hoje como sempre, está posto à mística cristã.”

É na alteridade encarnada que se tem esta aliança indissolúvel entre o divino e o humano. Com esta certeza, o crente já não está mais abandonado, pois Deus caminha com a humanidade e a ama profundamente. O amor de Deus é capaz de abrir os ouvidos do coração. A experiência de Deus se traduz em algo radical, não estático, mas num movimento infinito. De acordo com Bingemer (2013, p.283) “trata-se de algo que nunca se terá adquirido de um uma vez por todas, mas que há que se constantemente buscar, praticar, escutar para obedecer.” Fazer a experiência de Deus é certamente um encontro exigente, que lança o ser humano para fora de si, com todas as forças e possibilidades.

5 CONCLUSÃO

A realidade divina precisa ser vivida, sentida, experimentada profusamente pelo ser humano que na carne sente, vive e tem esperanças. Num mundo cheio de símbolos e expressões, a Igreja precisa levar a todos para um encontro com Deus, para que assim, por meios de coisas em comum, pessoas consigam motivos para se crer. Nas novas formas de compreender o mundo, o cristão poderá então ser um crente diferente, não mais motivado por tradições ou pela imposição, mas algo que seja oriundo de sua própria adesão, livre e consciente naquilo que busca acreditar a cada instante de sua existência.

É na caminhada da vida que os olhos se abrem (Cf. Lc 24,30) e assim aqueles que se propuseram a seguir a Jesus percebem nitidamente a tristeza que os rodeavam e agora veem a esperança renovada. É preciso caminhar com Jesus, aderir às suas orientações e não exigir do Mestre desejos pessoais que impedem a manifestação da graça divina. Muitos são aqueles que desejam um “deus” pessoal que atenda às suas mais variadas petições. Uma divindade personalista não é e nunca foi aquilo proposto por Jesus junto aos seus seguidores.

A revelação aconteceu e seu registro encontrado na Sagrada Escritura afirma esta história de amor. A primeira carta de São João aponta para esta manifestação da Vida, que é Jesus, estando esse sempre com o Pai. Agora, chegou a hora de seus discípulos darem testemunho de tamanha felicidade (Cf. 1Jo 1,2). Por isso, a alegria do cristão deve ser completa, pois esse não permaneceu sozinho junto ao pecado, fora redimido por aquele que não mediu esforços para se humanizar e reerguer a todos (Cf. Fl 2,7) e amou-os aos seus até o fim.

O rosto do Pai buscado incessantemente é concretizado naquele rosto humano dependurado na cruz. Ao olhar para Jesus se tem o modelo supremo da liberdade humana realizada no amor, dom esse que dá sentido último a história, mesmo se for preciso chegar ao absurdo. O caminho da fé transcorre para aquele que decididamente confia no amor e realiza tal itinerário em seu viver.

6 REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, SANTO. **A fé e o símbolo. Primeira catequese aos não cristãos. A disciplina cristã. A continência.** 1 ed. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **O Sermão da montanha e escritos sobre a Fé.** 1 ed. São Paulo: Paulus, 2017.

ANDRADE, P.; BINGEMER, M. **Secularização: novos desafios.** Rio de Janeiro: PUC-Rio: São Paulo: Reflexão: 2016.

ARBIOL, Carlos Gil. **Paulo na origem do cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 2018.

BENTO XVI. **Audiência Geral.** Praça São Pedro, 2012. Disponível de https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024.html acesso em 21 Mai. 2022.

_____. **Deus Caritas est.** 11 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **São Boaventura.** Audiência Geral. Praça São Pedro, 2010. Disponível de https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100317.html acesso em 18 Mai.2022.

BÍBLIA DO PEREGRINO. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara. **Ser cristão hoje.** São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. **O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

_____. **Um rosto para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005.

BOAVENTURA, SÃO. **Brevilóquio.** 1 ed. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

CASTRO. Valdir José de. **Uma espiritualidade para nosso tempo: à luz do apóstolo Paulo.** 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

CATESCISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COLLIN. Matthieu. **Abraão.** São Paulo: Paulinas, 1988.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes.** In: SANTA SÉ. Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 1997

_____. **Constituição Dogmática Lumen Gentium.** In: SANTA SÉ. Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 1997

DATTLER, Frederico. **Gênesis: texto e comentário.** São Paulo: Paulinas, 1984.

DE VAUX. **Histoire ancienne d'Israel**. S.ed. Paris, 1971.

DETONI, Emerson. **Santo Agostinho: Fé, Esperança e Caridade**. Mirabilia Tempo e Eternidade na Idade Média. 2010/ISSN 1676-5818.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. **Lexicon**. São Paulo: Loyola, 2003.

EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal**. São Paulo: Paulinas, 2004.

FRANÇA MIRANDA, Mário de. **Um homem perplexo: o cristão na atual sociedade**. São Paulo: Loyola, 1989.

FRANCISCO. **Carta aos Movimentos Populares**. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html. Acesso em 23 Ago.23.

_____. **Evangelii Gaudium**. São Paulo, Loyola, 2013.

_____. **Fratelli Tutti**. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **Lumen Fidei**. São Paulo, Loyola, 2013.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1982.

HEYER, C. J. Den. **Paulo: um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2009.

JOÃO PAULO II. **Evangelium Vitae**. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Fides et Ratio**. 13 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

LÄPPLE, Alfred. **Bíblia: interpretação atualizada e catequese**. São Paulo: Paulinas, 1978.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos**. São Paulo: Paulus, 1994.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

METZ, Johann Baptist. **Teologia do mundo**. Rio de Janeiro: Moraes, 1969.

O'MALLEY, William J. **Ajudar a minha descrença**. São Paulo: Paulus, 2012.

PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2014.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana.** São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte.** São Paulo: Paulus, 2003.

RAHNER, Karl. **O Cristão do Futuro.** São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

SCHILLEBECKX, Edward. **História humana: revelação de Deus.** São Paulo: Paulus, 1994.

SCHMAUS, Michael. **A fé da Igreja.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.